

Diante da excelência de Deus

*a criatura, ultrapassada e subjugada
pela formosura do seu rosto
e embriagada pelo néctar da sua divindade,
transbordada e desabada de amor,
em reverente prostração adora!*

* * *

*O «não te servirei» de Lúcifer
abriu um Abismo
para ele e os que, como ele, obstinadamente
se rebelam contra o Deus três vezes Santo*

* *

*No inferno o sem Deus,
o que faria a minha pobre alma?*

*

*No final do Caminho da vida
está o Abismo que abriu o pecado,
e que se deve cruzar
com asas grandes de águia real*

Mãe

Trindade de la Santa Madre Igreja

MÃE TRINIDAD DE LA SANTA MADRE IGLESIA
SÁNCHEZ MORENO
Fundadora de A Obra da Igreja

*Diante da excelência de Deus
a criatura, ultrapassada e subjugada
pela formosura do seu rosto
e embriagada pelo néctar da sua divindade,
transbordada e desabada de amor,
em reverente prostração adora!*

* * *

*O «não te servirei» de Lúcifer
abriu um Abismo
para ele e os que, como ele, obstinadamente
se rebelam contra o Deus três vezes Santo*

* *

*No inferno e sem Deus,
o que faria a minha pobre alma?*

*

*No final do Caminho da vida
está o Abismo que abriu o pecado,
e que se deve cruzar com asas grandes de águia real*



Ediciones La Obra de la Iglesia

NOTA.- Podem existir discontinuidades na numeração por causa da eliminação de páginas em branco para esta edição digital.

Título original em espanhol:

"Ante la excelencia de Dios"

Imprimatur: Joaquín Iniesta Calvo-Zataráin
Vigário Geral
Madrid, 25-7-2006

Separata de livros inéditos da Mãe Trindade de la Santa Madre Iglesia Sánchez Moreno e dos livros publicados:

«FRUTOS DE ORACIÓN» e
«VIVENCIAS DEL ALMA»

© 2006 EDITORIAL ECO DE LA IGLESIA
1ª Edição espanhola: maio 2001

A OBRA DA IGREJA

ROMA - 00149

Via Vigna due Torri, 90

Tel. 06.551.46.44

MADRID - 28006

C/ Velázquez, 88

Tel. 91.435.41.45

E-mail: informa@laobradelaiglesia.org

www.laobradelaiglesia.org

www.clerus.org *Santa Sé: Congregação para o Clero*
(Librería - Espiritualidad)

ISBN: 84-86724-87-2

Depósito legal: M. 35.402-2006

19-5-1975

A EXCELÊNCIA DE DEUS

Sob a vizinhança do Espírito Santo e o ímpeto do seu fogo, apercebem-se como miríadas e miríadas de batalhões de ser no arrulho amoroso e infinito da passagem de Deus que, em poderio de Imenso, aproxima-se com a brisa do seu vôo à criatura que, em reverente prostração, espera adorante e amorosa o Infinito Ser, para que se lance a possuí-la e embriagá-la com o arrulho silencioso e sacrossanto da sua passagem e o saboreamento do néctar da sua divindade;

e a criatura, desde a limitação e baixeza do seu nada, seja posse total e incondicional d'Aquele que a criou no seu infinito pensamento só e exclusivamente para introduzi-la na sua câmara nupcial a viver bebendo, na participação ditosíssima da sua infinita e coeterna perfeição;

e ali, dentro, no recôndito do Ser, contemple-o ultrapassada em sabedoria amorosa sob os fogaréus candentes e sapienciais da fé, cheias de penetrativa luminosidade, olhando-o com a sua Vista, cantando-o com a sua mesma Palavra e abrasando-se no amor letificante do Espírito Santo; que, no arrulho substancial e sacrossanto da sua passagem de fogo, convida-a a recebê-lo diante da vizinhança silenciosa e sagrada da brisa do seu vôo.

Diante do qual, na semana precedente a Pentecostes, percebi a vizinhança do Infinito que me inundava, tendo-me como em tensão em prelúdio saboroso do ímpeto do Espírito Santo que, aproximando-se no seu passar, me fazia pressentir a sua vinda.

Pelo que, sem saber dizer como foi, conforme iam passando os dias, sentia que o Espírito Santo avizinhava-se no poderio do seu derramamento, por uma força misteriosa que me tinha em prensa, enchendo o meu espírito em posse penetrativa e desfrutativa de sabedoria amorosa repleta de esperança, na minha busca incansável correndo em vôo veloz ao encontro do Amor Infinito.

E, chegado o dia de Pentecostes, para o qual o Espírito Santo estava preparando-me em subjugação amorosa de espera insaciável pela sua posse; ao pôr-me em contato com Deus, comecei a aperceber vizinhança do Eterno..., lonjura de tudo o criado..., necessidade do Deus vivo..., contato com os seus mistérios..., profundidade no seu seio e saboreamento penetrativo na imensidade infinita da excelência de Deus...

E sucessivamente, na medida em que minha alma, sendo levantada como em vôo, era adentrada em contemplação amorosa, pausada e silenciosamente atraída pela melódica companhia da passagem de fogo em brisa sagrada do Espírito Santo; diante da excelsitude da excelência excelentemente imensa d'Aquele que é eterna-

mente, ia sentindo-me afastar de todas as coisas de cá; compreendendo de uma maneira profunda, secreta e transcendente a distância infinitamente distinta e distante que existe entre a criatura e o Criador, entre o Tudo e o nada, entre o Infinito e o criado.

E numa penetração profunda, submergida nos lumes dos seus Olhos, sob os candentes fogaréus da sua infinita sabedoria, surpreendi Deus tão grande...!, tão distinto e tão distante de tudo o que não é Ele...!, numa excelsitude de excelência tão plena e infinitamente divina...!, que tudo o criado, diante da minha experiência, passou como a não ser...

Compreendi que nada é; que nada é fora do Ser, sido e possuído em si mesmo e por si mesmo na sua intercomunicação de vida familiar e trinitária, sem princípio e sem fim, sem fronteiras e sem ocaso.

Pelo que, desde a concavidade profunda e íntima da medula do meu espírito, repetia sem palavras:

Que tem a ver a criatura com o Criador...!!
Só Deus *se é* em seu *ser-se* infinito de majestade soberana...!

E sentindo-me cada vez mais penetrada e afundada, cheia do saboreamento do Infinito e Subsistente Ser, exclamava:

Que é uma criatura que foi tirada do não ser, que num tempo não foi e que agora, tão só por um querer da vontade de Deus, é...?
Que pode ser uma criatura, por muito exce-

lente que seja, que teve um princípio dependente do Infinito Ser no senhorio eterno do seu consubstancial *ser-se*; o qual só com o sopro da sua boca dá o ser, e só com o sopro da sua boca pode varrê-lo da face da terra e fazer que toda a criação deixe de existir...?

Que distância entendi que existia entre Aquele que *se É* por si mesmo e o que não é mais que uma manifestação real que tem sido e é pelo querer do Eterno *Ser-se*...!

E cheia de amor e surpresa, ultrapassada e sublimada e aprofundada cada vez mais diante de quanto estava compreendendo da realidade excelsa d'Aquele que é infinitamente *sendo-se* e derramando-se para fora em vontade criadora, repetia sem palavras no recôndito do meu coração:

Mas, que tem a ver a criatura com o Criador...!! E como e quando poderei explicar a excelência excelentíssima do que Deus *se é* por si mesmo, do senhorio da sua realidade...?!

Era tanto o que ia entendendo sob o pensamento divino e penetrada da sua infinita sabedoria, que, ao olhar a criação e tudo o que, dentro do âmbito da plenitude e da exuberância da sua grandeza era criado, não sabia se rir ou chorar..., se tremer ou morrer...; pois a minha possibilidade de adoração ficava tão excedida, que nem adorar sabia segundo necessitava-o a limitação esmagadora do meu nada diante do Infinito Criador três vezes Santo, em profunda e reverente veneração, prostrada e subjugada pela sua majestosa magnificência.

Porque, diante da magnitude esplêndida da excelência do Ser Infinito, tudo passou como a não ser, tudo ficou como a palhinha que, num bosque, num dia de terrível furacão, é levada e trazida pelo vento, sem ser apercebida pela pequenez da sua realidade...

Nada era senão o Ser...! Nada era necessário...! Tudo aparecia insignificante diante da minha mirada espiritual, ultrapassada sob a luz do esplendor da glória de Iahweh na sua magnificência divina, passando como a não ser...!

Era tanta a excelência de Deus, tão imensa a grandeza do seu infinito ser na plenitude da sua força, tão infinitamente distinto e distante de tudo o que Ele não era, que tudo o que não era Ele, diante da minha mirada espiritual, praticamente passava a não ser...

Nada era senão Deus!, porque Deus *se era* o único que era na plenitude excelente do poderio do seu infinito, consubstancial e coeterno ser divino.

Chegou a tanto a penetração do meu espírito diante da excelência de Deus, que senti medo de dizer alto quanto compreendia. Porque, ao mirar o compendio apertado da criação na grandeza tão exuberantemente plena e desbordante com que o mesmo Deus criou-a –reflexo da exuberância da sua mesma perfeição, e que a nossa mirada nela descobre–, vi-a tão pequenina..., tanto, tanto...!, que fiz o propósito de não dizer jamais até o fundo quanto entendera.

Pois talvez algumas mentes torcidas e corações raquíticos, ao não ter intuído nunca a excelência excelente do Infinito Ser, poderiam pensar que eu desprezava em algo aquelas criaturas que, dentro da criação, são a expressão mais maravilhosa em manifestação do poderio coeterno e infinitamente transcendente d'Aquele que *se É*.

E diante do conhecimento desta realidade, fui como novamente introduzida ainda mais fundo na excelência de Deus.

E desde ali, subjugada e cheia de surpresa e amor, vi a magnificência majestosa da humanidade de Cristo. Contemplando-a tão imensamente grande, tanto!, que é mais rica ela só que toda a criação; compêndio apertado de toda ela, já que «n'Ele, por Ele e para Ele foram feitas e criadas todas as coisas»¹, em manifestação esplendorosa e subjugante da sua mesma perfeição; e tão capaz na sua humanidade, que esta não tem mais Pessoa que a divina, podendo dizer Cristo pela sua voz humana, pela plenitude do mistério que em si encerra: Eu sou Deus...!

E apesar de tudo isto, diante da distância que existe entre a criatura e o Criador, entre o divino e o humano, entre Aquele que É por si mesmo e o que tudo recebeu d'Ele, tive que gritar no mais profundo e recôndito do meu espírito, transbordada e ultrapassada diante da transcendência transcendente d'Aquele que *se*

¹ Cf. Cl 1, 16.

É a sua mesma razão de ser, sida e possuída na plenitude subsistente e infinitamente suficiente da sua divindade:

Mas, que tem a ver a criatura com o Criador...!

Louvando Jesus, o Unigênito de Deus Encarnado, que, pela união da sua natureza divina e a sua natureza humana na pessoa do Verbo, é tão Deus como homem e tão homem como Deus. E que na sua humanidade adora, prostrado em reverente veneração, a Alteza infinita da sua Pessoa divina; sendo a adoração perfeita, acabada e infinitamente glorificadora e reparadora da criatura diante do Criador: diante da excelência subsistente da sua mesma Divindade.

E assim, transcendida e transbordada de amor, embriagada pelo néctar da Divindade, e ultrapassada de gozo no Espírito Santo, sob a brisa da sua suavidade e o esvoaçar da sua passagem divina sobre a minha pobre, pequenina e trememente alma, apareceu Maria, Rainha e Mãe do Amor Formoso, com a grandeza inimaginável da sua Maternidade divina.

E a vi tão grande...!, tão elevada...!, tão sublimada...!, tão enaltecida...!, por cima de todas as demais criaturas...!, dos Anjos do Céu!, por ser a Mãe de Deus, Rainha do universo, Virgem, Mãe e Senhora...!; sendo depois de Jesus, como pura criatura, a maior expressão do Infinito.

Enquanto seguia repetindo no mais secreto do meu espírito e no mais recôndito do meu coração palpitando de amor diante da passagem do Espírito Santo que, iluminando o meu

espírito, ia-me descobrindo a sublimidade sublime e subsistente d'Aquele que *se É* por si mesmo a distância infinita que existe entre o Infinito e a criatura, saída das mãos do seu coeterno e infinito poder:

Mas, o que tem a ver a criatura com o Criador...!

Entendendo, vendo e seguindo penetrando, numa intuição de profundo respeito, Jesus, como Sumo e Eterno Sacerdote, adorando o Infinito Ser, ultrapassado de gozo, ao ser Ele mesmo em si e por si, como Homem, a resposta reverente de adoração perfeita que a Santidade infinita d'Aquele que *É* merece em resposta de retorno amoroso das suas criaturas; porque, o que tem a ver a criatura com o Criador...!

O Criador *se é* em si e por si mesmo aquilo que *se é*, por ter em si a sua mesma razão de ser pela sua subsistência em posse infinita e coeterna de Divindade; enquanto que a criatura, por muito excelente que seja, é, pela manifestação esplendorosa da magnitude de Deus em seu *ser-se* eterno, veneração que adora subjugada e transbordada em distância infinita; enchendo a capacidade do seu ser como criatura diante do Criador; de quem tudo tem recebido, diante do Eterno *Ser-se*; de quem teve um princípio, diante do Imprincípio; de quem não é mais que a realização da vontade de Deus criadora em manifestação esplendorosa do infinito poder do Coeterno Ser, diante d'Aquele que *se É* por si mesmo.

E paulatinamente, enquanto mais penetrava na excelência de Deus, mais ia compreendendo, ao mesmo tempo, a grandeza tão transcendente da humanidade de Jesus, criada por Deus para não ter mais pessoa que a divina, e a distância quase infinita que existe das demais criaturas. Tão sublimado foi pela magnificência infinita de Deus...!, tão levantado pelo Subsistente Ser!, tanto!, que pode dizer como homem:

Eu sou Deus; podendo chamar Deus: Pai, com pleno direito, sendo «Luz da sua mesma Luz e Figura da sua substância»².

Mas, entre a sua humanidade e a sua divindade é tanta a distância que existe, tanta, tanta...!, que Ele mesmo é em si Aquele que *se É* e Ele mesmo é em si o infinitamente adorado e o Adorador infinito...

E apesar de toda esta grandeza, à medida que o meu espírito adentrava-se na excelência de Deus, sendo levantada até o seu seio e fora e à margem do terreno; ia deixando tudo o que é criado detrás, e repetia no meu cântico de supremo louvor diante da excelência de Deus:

Que magnífico é o esplendor do poder da glória de Iahweh ao criar as suas criaturas e, entre elas, ao derramar-se tão esplendorosamente sobre algumas para louvor da sua glória, sob a majestade do seu infinito poder!, Mas, que tem a ver a criatura com o Criador...!

E repetia-o e repetia-o..., levada por Ele a contemplá-lo, para vivê-lo em saboreamento di-

² Cf. Hb 1, 3.

tosíssimo de Eternidade. Apercebendo que, enquanto mais era adentrada e enquanto mais repetia-o interiormente, mais dentro entrava da excelência de Deus e mais profundamente tinha-o que repetir; compreendendo que estava na verdade: na verdade clara!, na verdade única da criatura diante do Criador...!

Ocorrendo-me o mesmo quando olhava a Santa Mãe Igreja, que, como Esposa de Cristo e pela sua real Cabeça, tinha em si a plenitude da Divindade: cheia de santidade e formosura, de louçania e juventude, capaz de saturar todos os homens com a repleção dos seus Mananciais recebidos de Deus por Cristo através de Maria e arremansados no seu seio de Mãe, mas que, por sua vez, abraçava também em seu seio tantos homens que além disso são pecadores; já que a Igreja é divina e humana no compêndio pleno e apertado da sua realidade:

Que tem a ver a criatura com o Criador...!

Desde a altura da excelência de Deus, olhava toda a criação, que para mim era, diante do pensamento divino, tão formosa e glorificadora do mesmo Deus; e voltava a aparecer novamente o filete de palha ou a gotinha de água perdida na imensidade imensa dos inumeráveis mares que contém a criação...

Mas, entre a gotinha de água e os imensos mares, ou a folhinha de uma árvore dentro dos milhões e milhões de folhinhas de árvores que encerra a terra –todas distintas entre si pela sobreabundância da riqueza plena e exuberante

que encerra a criação, como expressão ao finito e reflexo do mesmo Criador—, só havia distância de quantidade, mas nem sequer distância infinita de quantidade.

Entre uma gotinha de água e a imensidade de todos os mares não havia distância infinita; afinal de contas eram duas criaturas criadas que, por muito plenas e exuberantes que fossem, passavam, diante da excelência de Deus, na intuição da minha mirada espiritual, como a não ser e a não ter mais distância que ser criaturas que um dia não foram, que hoje são dependentes do Infinito Ser, infinitamente distintas e distantes da sua plena excelência, e que amanhã talvez deixarão de ser...

E a excelência de Deus seguirá sendo igual de excelente diante de todas as criaturas que por Ele são, que por sua vontade mantêm-se e que, dependentes da sua mesma vontade, seguirão sendo ou deixarão novamente de existir...!

Como entendi que só Deus *se é*...! Que distância tão imensa a do Infinito Ser, de tudo quanto não é Ele...!

E durante toda esta manhã de Pentecostes de 1975, estando minha alma submergida em oração, repetia como um melódico louvor em hino de glória diante da magnificência majestosa do infinito poderio d'Aquele que *se É*:

Mas, que tem a ver a criatura com o Criador...!

Parece que Deus comprazia-se nisso; pois, quanto mais o repetia, mais dentro entrava, mais remontava meu vôo, mais pequenina via

a criação, e mais excelente aparecia diante da minha mirada espiritual o coeterno e transcendente Ser...

E também, na minha ascensão diante do Ser, apareceram diante da minha mirada espiritual diversidade de criaturas: os Anjos rebeldes..., Adão..., Eva...

Como puderam, se conheceram algo da excelência de Deus, rebelar-se contra Ele...?!

Como puderam crerem-se como Deus ou desejarem ser como Ele, se no momento de rebelarem-se tiveram algum conhecimento parecido ao que eu, na minha limitação, tive hoje...?!

Como é possível que, nesta verdade que eu hoje vivo, possa desejar-se algo que não seja ser louvor de glória diante da magnificência d'Aquele que é coeterno...?!

Que conhecimento tinham d'Ele, e até onde chegou a penetração do seu conhecimento, que foram capazes de dizer a Deus: «não te servirei»³, ou apetecer algo que não fosse adorá-lo...?

Sentia medo de dizer o que estava vendo; compreendendo com segurança claríssima que, na participação gloriosa da Eternidade, diante da magnificência de Deus e subjugados pela formosura do seu Rosto, ao contemplá-lo sem véus, não fica mais possibilidade que adorar num hino reverente de louvor diante do Infinito Ser na sua Trindade de Pessoas.

³ Jr 2, 20.

Pelo que, tremendo de veneração reverente e em adoração profunda, irrompia no mais profundo do meu coração repetindo na minha canção de Igreja e como Eco em proclamação dos infinitos cantares que ela tem no seu seio, qual «torre fortificada»⁴, Rainha e Senhora, tendo como cabeça e coroa de glória o Unigênito de Deus:

Mas, que tem a ver a criatura com o Criador...!

Porque, diante da magnitude do conhecimento que tive da excelência de Deus, naqueles instantes, segundo o meu pobre entender, fiquei sem capacidade, não só de desejar ser como Deus –já que só essa idéia, diante da excelcitude que concebo da sua excelência e magnitude, far-me-ia ser desprezo para mim mesma, passando a ser diante da minha mirada espiritual a criatura mais pobre e abominável da criação, numa profunda e continuada gargalhada de burla em desprezo da minha mente atrofiada–, mas nem sequer poder desejar ou apetecer algo que não fosse, no meu ato de amor puro, glorificar o Infinito pelo que é em si, por si e para si, e sem mim...

Ser como Deus...! Que obscuridade de entendimento...!: Desejar algo contra Deus...! Buscar algo que não seja adorá-lo...! Querer algo que Ele não queira...!

Tanto entendi, tanto...!, que compreendi que não poderia expressá-lo...; ainda mais, que prudentemente não devia dizer quanto vira e ou-

⁴ Sl 60, 4.

vira, sendo este outro dos grandes segredos da minha vida...

Lembrei-me do ano de 1960: «Alma minha, não te olhes...». Senti medo de mim mesma...; desejei voar ao Céu com todas as minhas forças diante da ruindade e pequenez do meu nada e diante da sublimidade do que, sem entender como nem porquê, estava contemplando.

E anonadada e sem querê-lo expressar, irrompia no meu canto de: Quem como Deus...!, tendo em si, por si e para si a potência de *ser-se* por si mesmo e *estar-se sendo*, pela excelência infinita do infinito poderio do seu excelso ser, tudo quanto pode ser, sido, infinitamente desfrutado e possuído em gozo ditosíssimo e gloriosíssimo de Eternidade.

E sob a luz, o impulso, o fogo e a verdade do Espírito Santo, vi também que o meu espírito estava na verdade, recordando a frase de Jesus: «Vim para dar testemunho da verdade»⁵; e que estava metida na realidade plena da Verdade Infinita.

Senti-me possuída por esta mesma Verdade, a qual amorosa e livremente, diante da sapiencial sabedoria de quanto estava penetrando, fazia-me ver cada vez mais profundamente a distância infinita de ser que existe entre o Criador e a criatura, entre a sua grandeza e o nosso

⁵ Jo 18, 37.

nada, o seu *ser-se* e o nosso ser recebido e dependente da vontade amorosa do Infinito Ser.

Fui tão consciente desta dupla verdade, que repetia constantemente diante da magnitude de Deus em distância infinita de tudo o que não é Ele:

Que tem a ver a criatura com o Criador...!

E compreendendo também, cheia de pavor, que até o fundo fundo! eu não podia dizer na terra enquanto viva o que no dia de Pentecostes de 1975 entendera...

Impotente, ultrapassada e invadida de Deus, rendida e prostrada, subjugada e anonadada diante da luz daquele Pentecostes, abrasada no fogo do Espírito Santo, diante da excelência de Deus, reverentemente adorava...!

Que grande vi, cheia de gozo, Jesus na sua humanidade, que é distinto e distante de toda a criação e de todas as demais criaturas, e que foi capaz de adorar a Deus como Ele infinitamente do homem necessitava...!

Mistério maravilhoso da Encarnação, que dá a Deus na sua criatura tudo quanto Ele dela esperava...! Grandeza inimaginável da humanidade sacratíssima de Cristo...!

Roubada pela excelência da sua adoração, como homem, à sua mesma divindade, com Ele adorava!

Ficando em minha alma gravado, como com fogo, pela brisa do Espírito Santo em passagem

veloz que me fez conhecer, intuir e viver algo da excelência excelentíssima do Infinito Ser, ultrapassada de gozo e prostrada em reverente e humilde adoração, o grito do Arcanjo São Miguel:

«Quem como Deus...?!».

Porque, que tem a ver a criatura com o Criador...?!

21-7-1982

SATURADA DO ETERNO

A mim não me cabe Deus
na profundidade do meu peito;
por todas as partes transborda,
e no meu interior o contendo.

São suas chamas qual vulcões
que me requeimam por dentro,
fazendo-me rebentar
em farturas do Eterno.

Sinto-o dentro de mim
abrasando-me nos seus fogos,
beijando-me com a sua Boca,
dando-me seu pensamento.

Ele é meu e eu sou sua...,
dentro..., profundo..., secreto...!,
onde, em requebros de amores,
descobre-me seus mistérios.

Palavras de vida eterna
Deus me diz sem conceitos,
na sapiência infinita
do seu *ser-se* Dito o Verbo.

Ele me ama..., eu o amo...
num profundo silêncio,
sem que haja nada que possa
interromper este anelo.

Que doce é Deus quando beija...!
Eu, no seu arrulho, o pressinto,
quando aproxima-se gozoso
para meter-me em seu seio.

Tudo como se não fosse...,
quando, ao passar o Imenso,
pousa-se em chamas candentes
dentro do meu encerramento.

E ali, fundo, no profundo,
irrompemos em requebros,
em um dar e retornar-nos
sem palavras nem conceitos,
fora de coisas de cá,
ao modo do Coeterno.

Ó que doce é encontrá-lo...!
E que terrível é perdê-lo,
para tornar a buscá-lo
com novos frutos de encontro...!

Minhas saudades hoje me oprimem
por possuir a quem anelo,
como no dia ditoso
que me introduziu nos Céus

para ali cantar sua vida
dentro da sua ocultação,
beijando-me com sua Boca
e abraçando-me em seu peito.

Deus está perto de mim,
fundo, profundo e secreto...!,

em sapiencial ensinamento,
com beijo de entendimento,
com palavras de amor puro,
para pedir-me de novo
que me entregue sem reservas
a ser seu «Eco» em cautério.

Palavra do Deus bendito,
sem palavras, sinto dentro,
em amorosos amores,
em recônditos segredos.

Eu o beijo e Ele me beija
fora do modo do tempo,
da maneira perfeita
que Deus o faz em seu peito.

Obrigada, meu Amor Infinito!,
porque em ternura hoje puseste
o meu peito dolorido,
com beijares de consolo.

Obrigada por tudo, meu Esposo!
Obrigada por tudo, meu Dono!
Já sei bem que não me olvidas;
hoje o compreendo de novo.

Que bom quando Deus passa...!
e que curto se faz o tempo!,
porque é vida da Glória
que se nos dá neste solo.

A VONTADE DE DEUS

Ó excelssitude coeterna do Infinito e Subsistente Ser...! Por teu poderio excelso de majestade soberana, por *ser-te* em Ti, por Ti e para Ti a razão da tua coeterna Divindade, és capaz, não só de gozar no que Tu és, sido e possuído em intercomunicação familiar de vida trinitária, mas de gozar também infinita e eternamente, por ser bom, em fazer felizes outros seres que, criados à tua imagem e semelhança, vivam por participação a mesma vida que Tu vives em gozo ditosíssimo de desfrute eterno.

Pelo que Deus, que não necessita de nada nem de ninguém para ser quanto é, sido e possuído, desfrutado e saboreado no seu ato imutável de sabedoria amorosa, sob os lumes consubstanciais das suas infinitas pupilas; em manifestação amorosa da sua vontade e pelo esplendor e para o esplendor da sua glória, na magnificência do seu infinito poder, olha para fora em vontade criadora e faz que existam seres que por Ele são; o qual exige correspondência, em retorno reverente e amoroso, da criatura racional ao Criador; sendo ela também voz em explicação e em retorno de resposta de toda a criação inanimada.

Ó, como ficou gravado na minha alma o que o Senhor, no dia 1º de abril de 1959, fez-me viver, penetrar e compreender, cheia de surpresa, em sabedoria amorosa de profunda e transcendente intuição, sobre o que era o Ser de Deus, majestoso...!, terrível e subsistente!, rompendo como em cataratas e cataratas de ser, pondo-se em movimento imutável em vontade criadora e querendo realizar para fora coisas infinitamente distintas e distantes da sua realidade subsistente e divina, que o reflitam e manifestem...!

Porque não é que Deus, quando quer uma coisa para fora, deseje realizar algo à margem do que Ele é. Mas que Deus *se é* tudo quanto pode ser infinitamente, podendo ser tudo o que é infinito em infinitude, sido, possuído e abrangido pela sua subsistência infinitamente suficiente; e n'Ele não há partes.

Já que em Deus identificam-se o ser e o operar; e quando quer uma coisa é todo Ele, na sua intercomunicação de vida trinitária quem o deseja; pondo-se em movimento, sem mover-se, todo o seu ser imutável em vontade criadora, para que se realize quanto quer segundo o seu infinito pensamento.

Pelo que, no dia 1º de abril de 1959, expressava, na ruindade e pobreza da limitação do meu nada ser, nada poder e nada saber, como podia e cheia de surpresa, o que Deus fazia-me entender:

«El Ser manifestándose en voluntad»
(Fragmentos)

«Ó o que é Deus manifestando-se em vontade!

O Ser...! O Ser...! Ó, o Ser manifestando-se em vontade...! Que terrível...! [...]¹.

Ó que espantoso...!, que terrível...!, que arrepiante é o pecado de um homem, criado por um movimento da vontade amorosa de Deus, que é todo o ser d'Este movido em vontade...! [...]

Nem mil infernos...! O inferno, com ser tão terrível, tão espantoso, tão tremendo, tão arrepiante, é a medida adequada ao pecado, e ainda menos...! Não há medida, por grande que seja, nem castigo, para um ser criado que se rebela contra o seu Criador...!

E os Anjos e os homens: “não servirei”²...! [...]

À vontade terrível do Deus terrível!: “não servirei”...!

Quando todo o ser de Deus pôs-se em movimento desejando uma coisa!: “não servirei”...!

Quando toda a Divindade, manifestando-se em vontade, quis uma coisa...!

¹ [...] Com este sinal indica-se a supressão de pedaços mais ou menos amplos que não se julga oportuno publicar na vida da autora.

² Jr 2, 20.

Ai, que terrível...! [...] Que espantoso...! Terrível e espantoso é opor-se no mais mínimo à vontade de Deus...! [...]

O ser de Deus é terrível...!, terrivelmente majestoso...! Nem muitas cataratas juntas, nem muitos terremotos juntos, nem muitas tormentas juntas... –eu não sei o que dizer...!–, nem muita paz junta..., nem muita felicidade junta..., nem muita bondade junta... nem... Eu não sei..., não tenho palavra para expressar o ser de Deus que, manifestando-se em vontade, criou os homens para levá-los ao seu seio, fazê-los partícipes da vida divina e ditosos por toda a Eternidade...! [...]

A vontade de Deus...! A vontade de Deus...! Eu não sabia o que era a vontade de Deus... Nem ninguém o sabe no mundo! Por qualquer coisa opõem-se ao plano divino...!

[...] Não sei explicar-me...! Eu não vejo somente o pecado; no pecado mortal nem me paro, não o posso olhar, eu morreria...! O pecado venial quase não o olho.

Eu olho o ter um movimento voluntário, nada mais, contra a vontade de Deus.

Um movimento da nossa vontade contra a vontade de Deus merece o inferno... Quem somos nós para mover-nos contra a vontade de Deus?!, quem somos nós...? Que se arme um terremoto e treme a terra, quando alguém se oponha ao Deus três vezes Santo!!

Ó o que é o Ser de Deus manifestando-se em vontade!».

Já que a criação inanimada, quando em algum momento da sua existência parece que sai das leis que pôs o seu Criador, toda ela se comove: a terra trema...!, surgem maremotos...!, abrem-se abismos...! e revolve-se tudo o que de alguma maneira enche de espanto os homens, por terem-se perturbado em algo, com mais ou menos intensidade, com mais ou menos conseqüências, as leis da criação.

«Fidelidade dos mares,
dos bosques e os rios,
da abóbada celeste
com seu imenso poderio...!

Tudo se ordena às suas leis
sem comover seu destino,
obedecendo a ordem
de Quem marcou seus caminhos;

ordem que implica silêncio,
porque tudo está cumprido
segundo o querer de Deus
no seu infinito desígnio.

Mas, quando algo se troca
contra quem o fez,
provoca-se um terremoto
abrindo-se os abismos.

O silêncio rompe em vozes
de clamores acendidos,

porque vê que o universo
desconcerta seu equilíbrio:

Furacões, maremotos
em protestos de alaridos...;
descoalam-se as montanhas
com terrível poderio...

Ó criação, o que acontece
quando troca-se o caminho,
ao sair-se num instante
do pensamento divino...!

Homem que segues tua rota
em tão grande desatino,
não ouves o lamentar
do teu próximo destino...?

Não sentes o ranger
do teu viver sempre no ar,
cercado por todas as partes
de cruéis inimigos...?

Põe em tua vida silêncio,
impedindo um cataclismo;
segue sempre o Criador
até cumprir seus desígnios.

Escuta a voz de Deus;
Ele sabe marcar o teu destino!»

10-1-1974

O que será que sucede quando a criatura ra-
cional, criada por Deus sob a vontade do que-

rer do seu poderio eterno e que nos fez à sua imagem e semelhança e nos predestinou nada menos que a ser filhos seus no seu unigênito Filho Encarnado, partícipes da vida divina e herdeiros da sua glória; rebelando-se contra o seu Criador, diz-lhe: «Não te servirei», numa resposta de soberba, ingratidão e menosprezo...?!

Já que compreendi, de uma maneira surpreendente, ultrapassada, trememente e assustada diante da limitação da minha pequenez e a nulidade e miséria do meu nada, que quando Tu queres uma coisa, ó meu Infinito e Eterno Poderio!, não é que a queiras à parte de Ti, como algo que pensas e queres do modo que nós queremos e pensamos; não. És todo Tu no teu ser infinito e coeterno, sido e possuído no teu ato intercomunicativo de vida familiar e trinitária, quem o queres, na magnificência do esplendor da tua glória; a qual exige, pela sua mesma perfeição, resposta, na medida adequada, de retorno da criatura ao Criador, do nada ao Infinito Ser.

Pelo que a alma que conhece a Deus, cheia de reverência, adoração e respeito, como num cântico de reconhecimento e louvor, grita com os Anjos do Céu: Quem como Deus...?!;

diante dos Anjos rebeldes que, na loucura da sua insensatez, rebelaram-se com Lúcifer e como Lúcifer contra o mesmo Deus no seu grito arrepiante e absurdo de: «não te servirei».

Pelo qual abriu-se um Abismo insondável no qual foi precipitado Lúcifer como um raio, perdendo-se na obscuridade tenebrosa das suas furnas.

3-11-1976

BUSCANDO A TUA VONTADE...

Não sabe o entendimento
fazer o que Tu desejas,
e por isso, tropeçando,
vamos caminhando na terra,
buscando a tua vontade
e sem saber como fazê-la.

Se captássemos o teu modo,
que nos marca em linha reta,
de uma maneira simples,
isso que a Ti recreia...!

Mas as nossas complicações,
sempre de obstáculos cheias,
não sabem achar tua rota
em claridades repleta.

Queremos, e não sabemos...!
Nos é tão difícil vê-la
quando buscamos cumpri-la
não soltando o que aferra,
quando queremos achar-te
com nosso modo e maneira...

É tão clara a tua mirada,
tão ampla a tua grande sapiência
em horizontes eternos
de infinita transparência,
que nossa mente torcida,
envolta em obscuras névoas,

não acerta a ver teus caminhos
de luz em divinas sendas,

grandes como o mar aberto,
lípidos em tua beleza,
transparentes como a água,
simples qual tua excelência.

Por isso, Jesus da alma,
quando, levada à tua alteza,
intuo teu pensamento
e capto a tua ciência eterna,

desaparecem os modos
da minha invalidez de terra
e me embarga uma paz doce,
cheia da tua onipotência,

de amor e gozo completo,
sabendo, em teu lume excelso,
que é simples aquele caminho
que tua vontade me mostra,
sendo eu quem o complico
com minhas maneiras terrenas.

E assim fica obscurecido,
cheio de extrema pobreza,
de grandes contradições
e de aflições imensas;
porque há distância infinita
entre aquilo que Tu expressas,
sendo-te Divindade,
e meu modo ao entendê-la.

Senhor de infinitos sóis,
eu quero teu pensamento,
longe da minha humana ciência!

*Do livro «Frutos de oración»
«Frutos de oração»*

1.169. A morte é a rendição do homem diante de Deus, que, com a destruição do seu ser, diz-lhe: Tu só és por ti mesmo, e o que não és Tu, não é mais do que o que Tu queres que seja, em tempo, realidade e ser. (8-5-70)

1.170. Um homem morto está dizendo a Deus com a sua destruição, em demonstração da sua total impotência: Tu só és. (8-5-70)

1.171. A soberba do homem termina com e na sua destruição no dia da morte, submetendo-se Àquele que É, em manifestação do seu nada diante do Tudo, que para ser tudo, *se* em si e por si mesmo a ressurreição e a vida. (8-5-70)

1.172. Obrigada, Senhor, pelo descanso que me dás, ao saber que um dia, com a minha morte, eu serei uma demonstração visível de que Tu só és, e de que eu não sou. (8-5-70)

1.173. No dia em que o homem disse a Deus «não», morreu; e com a sua morte, em rendição total, clamou arrepiantemente: Tu só és, e tudo o que não és Tu a Ti te está submetido. Eu hoje o demonstro com a minha destruição e fracasso total, pois, se Tu não me ressuscitas, já nada sou capaz de ser nem de fazer. (8-5-70)

1.174. Senhor, Tu que és a ressurreição e a vida, dá-te a mim para poder voltar a ser em Ti, por Ti e para Ti. (8-5-70)

1.175. A morte é a consequência do «não te servirei», e a rendição do homem, dizendo com a sua destruição: Tu só és por Ti mesmo, e eu dependo total e exclusivamente da tua vontade; reconheço-o, em Ti espero. (8-5-70)

18-5-1971

QUEM PODERÁ CONTRA O DEUS VIVO...?

Deus olha desde o alto,
em seu eterno pensamento,
dominando a criação
e regendo o universo.

Tudo lhe está submetido,
nada rompe seu concerto,
cumprindo a criação,
em tudo e cada momento,
as leis que pôs Ele
nas coisas e no tempo.

Deus olha desde o alto,
com seu poderio imenso,
para dominar o mar,
para apaziguar o vento,
calmando as tempestades
com seu senhorio eterno.

* * *

Quem poderá contra o Deus vivo,
que domina o pensamento,
que manda sobre a vida,
do qual dependem os céus,
os abismos e os mares,
os torvelinos e o vento,

as estações do ano,
o cambiar do universo,
a existência do ser vivo,
a manutenção dos tempos...?

Quem poderá contra o Deus vivo...?
Ó needade do soberbo
que se volta contra Ele
em seu pobre entendimento,
sustido em cada instante
pelo poder do Imenso,
por seu hálito de vida,
para que siga existindo...!

* * *

Deus olha desde o alto
sem mudar seu pensamento,
sustentando a criação
e regendo o universo.

ALMA MINHA, NÃO TE OLHES...!

Cheia, inundada e invadida pelo santo temor de Deus, tremente e assustada, e com o único desejo de glorificar o Ser Infinito, que, como bandeira de amor, campeia no mais íntimo e profundo do meu coração, quero expressar hoje [...] algo da terrível e espantável vivência que tive aos 24 de janeiro de 1960.

Graça incalculável que o Senhor concedeu-me, para manter-me sempre na verdade do meu nada, na ruindade da minha pequenez e esmagada pela minha miséria, diante da grandeza insondável da riqueza infinita d'Aquele que *se É*, ultrajado e menosprezado pelo «não» da criatura diante do Criador! [...]

[...] No dia 24 de janeiro de 1960, durante um dos meus tempos de oração [...], de repente, num momento, cheia de surpresa expectante, comecei a intuir, penetrar e compreender a grandeza dos Anjos de Deus, criados com uma natureza perfeitíssima para participar d'Ele de uma maneira muito profunda e muito elevada; sendo levantados a uma sublimação tão alta para, transbordados e subjugados pela formosura do seu Rosto, desabados de amor,

adorá-lo em reconhecimento de profunda reverência, entoando cânticos de louvor diante da infinita e coeterna Santidade de Deus.

E, de repente!, apareceu diante da minha mirada espiritual um Anjo que, sobressaindo entre todos na sua formosura pela capacidade de participação de Deus à qual estava sendo levantado pelo mesmo Deus em ascensão gloriosa para possuí-lo, era denominado «Luz Bela», recebida da Luz Infinita que sobre ele tão luminosamente desbordava-se desde os infinitos e torrenciais Mananciais da Divindade.

O qual [...], diante da expectativa da minha alma cheia de surpresa e admiração, subia..., subia..., subia...!, por cima dos demais Anjos, na participação da vida divina, a uma altura inimaginável, como num ascendimento de predileção por parte de Deus.

De forma que a minha alma contemplava-o cheia de respeito por aquele ascendimento em que estava sendo levantado em lançamento veloz de elevação tão subida, que o via ascender, sublimado por cima dos demais Anjos, para a posse, em participação, do mesmo Deus; sendo esta tão esplendorosa e tão alta, que não havia luz como a sua luz recebida do Sol Divino.

Pelo que «Luz Bela» denominava-se aquela criatura cheia dos resplendores do Sol Eterno.

Penetrando e compreendendo minha alma que aquele Anjo tão formoso estava sendo levantado pela vontade de Deus e sua mão onipotente a uma sublimidade tão grande em par-

ticipação do mesmo Deus, para que o possuísse, que não havia formosura como a sua formosura nem beleza mais resplandecente entre os demais Anjos; porque não havia quem participasse e refletisse o Infinito como ele, ao derramar-se o Amor Eterno sobre aquela criatura, embelezando-a, enobrecendo-a e levando-a a participar naquele grau das suas perfeições infinitas.

E possuía a Deus tanto, tanto, tanto!, que, ao olhar-se e ver-se tão formoso, tão sublimado e levantado pelo mesmo Deus; num ato de complacência desordenada, ensoberbecendo-se ao ver-se tão formoso, todo o seu ser angélico, numa loucura de insensatez arrepiante e incompreensível, exclamou:

«Quem como eu...?!»

E, volvendo-se descaradamente para o Infinito Criador que tanto se tinha derramado sobre ele, disse: «Não te servirei»¹.

Pelo que a minha alma, tomada por quanto estava vendo e compreendendo diante do grito de rebelião daquela Luz tão Bela; cheia de terror, de repente!, contemplou que, diante da insensatez inimaginável e inconcebível daquele: «quem como eu?!», «não te servirei»; nesse mesmo instante, aquele ser tão enaltecido, perdendo toda a sua formosura e ficando monstruosamente ensombrado e enegrecido, caiu, com a rapidez de um raio e como num grito

¹ Jr 2, 20.

de alarido terrificante de desespero agônico, desde a altura para a qual fora levantado, a um Abismo profundíssimo e insondável, de negruras terríveis e arrepiantes; que se abriu naquele mesmo instante diante da rebelião daquela criatura contra o seu Criador que o elevou, num derramamento amoroso do seu poder e da sua bondade, por cima dos demais Anjos a tanta participação da mesma vida divina.

Invadida de terror e espanto, e toda cheia de comoção, vi-o desaparecer, cheio de desespero, com a rapidez de um raio naquela profundidade profunda da cratera daquele vulcão aberto que trouxe a Luz enegrecida, que fora tão Bela, nas profundidades da sua tenebrosidade; enquanto que Lúcifer, convertido num diabo arrepiante, numa amargura indizível de desespero eterno, perdia-se naquele Abismo aberto para ele e para os que, como ele, tão deslocada e insensatamente dissessem a Deus: «não te servirei»;

ficando separados para sempre da posse do Infinito Bem –com a qual teriam satisfeito todas as capacidades que Deus pôs em seu ser para que o possuíssem no gozo ditosíssimo da felicidade dos Bem-aventurados–; vivendo no desespero de quem tudo perdeu, e para sempre!, pela rebelião da criatura diante do Criador.

O qual, derramando-se no esplendor da sua magnificência infinita e para louvor da sua glória, criou-os à sua imagem e semelhança para

que o possuíssem sendo um hino de reconhecido louvor, dando glória ao Pai, glória ao Filho e glória ao Espírito Santo.

E quando o meu espírito encontrava-se tomado pelo terror e o espanto, todo tremulante e angustiado por quanto acabava de contemplar da precipitação de Lúcifer no Abismo que foi criado naquele instante como consequência do «não» da criatura em rebelião contra o seu Criador; cheia de surpresa e sobressaltada de pavor!, comecei a ver que a minha alma ia sendo levantada por Deus e levada pelo mesmo caminho pelo qual vira subir Lúcifer em participação de Deus, e do qual o vi cair pela sua soberba, ao rebelar-se contra a Excelência infinita do Deus três vezes Santo no seu: «Quem como eu?!»; «não te servirei!»...!

E apavorada, horrorizada e tremendo...!, vi-me subir... e subir... e subir..., pelo mesmo caminho e da mesma maneira!, em transformação de Deus, para a participação da sua vida divina.

E quando cheguei ao grau de participação de Deus ao que Ele determinara levantar-me, gravou-se no mais profundo do meu espírito –deixando-me tomada pelo terror– como uma frase sem palavras, que ficou e tem ficado inscrita e lacrada como pelo fogo para toda a minha vida na medula mais profunda do meu ser:

«Isto quero fazer contigo. Mas não te olhes, porque, se te olhas, como caiu ele, cairias tu».

Entendendo, em penetração e apavorada compreensão, que se me olhava ensoberbecida e desordenadamente em complacência, podia cair na insensatez de Lúcifer, cegada pela minha loucura, e chegaria à situação à qual ele chegou com todas as suas conseqüências. [...]

Ó, [...] como poderei explicar [...] o que esta pobre, miserável, desvalida e desprezável criatura experimentou em todo o seu ser...?!;

ficando selada e como marcada para toda a minha vida, impregnada e saturada de um santo temor de Deus, que o considero uma das graças maiores que o amor misericordioso do Pai Celestial pôde conceder à minha pobre, pecadora e desvalida alma, para, como diz a Escritura, «com temor e tremor realizar a nossa própria santificação»².

E que me faz viver, diante da excelsitude infinita de quem me criou só e exclusivamente para que o possuísse, num hino de louvor; exclamando [...], cheia de reverência, adoração, amor e respeito, diante da excelência da sublimidade da Santidade santíssima da minha Trindade Santa, desde a baixeza do meu nada:

Quem como Deus, que está a distância infinita de tudo o criado; que é Aquele que *se É*, o único a quem se deve todo louvor, honra e glória no Céu, na terra e no Abismo...?!

Quem como Deus...?! [...] Quem como Deus, que tem em si, por si e para si, o poderio de

² Fl 2, 12.

potência infinita de *estar-se sendo* quanto é em resplendores coeternos de consubstancial Santidade...?! [...]

Quem como Deus, que faz tremer os Anjos do céu e tudo o que é criado, pela magnificência esplendorosa d'Aquele que *se é* a razão de ser da sua mesma divindade, estando *sendo-se-a* e *tendo-se-a sida*, e razão de ser de tudo quanto foi, é e será, *sendo-se* o infinitamente Distinto e Distante de tudo o que não é Ele...?!

Porque..., que tem a ver a criatura com o Criador, o humano com o divino, as coisas criadas com o Incriado...?!

Quem como Deus, que tem em si, em seu *ser-se* eterno, a capacidade infinita e consubstancial de *ser-se* e *estar-se sendo* quanto é e a sua mesma subsistência, pela infinitude da sua suficiência infinita que o faz ser Deus, o único Deus em posse absoluta do seu ser incriado e eterno, por ter-se sido e *sendo-se* em si o poderio infinito e coeterno de *ser-se* a sua mesma razão de ser...?!

Quem como Deus que é, em si, por si e para si, tudo quanto pode ser em seu senhorio infinito; podendo-se ser e *estando sendo-se* tudo quanto, em infinitude, infinitamente pode ser no instante sem tempo da Eternidade...?!

Eternidade que Ele mesmo *se é* sem tempo, sem princípio, sem lugar, sem fronteiras; sem que ninguém possa pôr nem tirar nada à excelência subsistente do seu ser, *sendo-se* Deus

pela perfeição coeterna da sua divindade. Pois, pela sua capacidade e na sua capacidade divina, encerra, pela sua subsistência eterna, a potência de *ser-se* Deus.

Deus é Deus por ter em si a sua mesma razão de ser pelo seu ser suficiente, em suficiência e subsistência infinita num ato coeterno, perfeito e infinitamente abrangido de vida trinitária.

Quem como Deus que, pelo seu *ser-se* eterno, é capaz de ser o Criador de intermináveis e insuspeitáveis mundos e criaturas, segundo a sua vontade apraza-o para a manifestação da sua glória...?!

Quem como Deus que é Criador irrompendo em criações que manifestam o esplendor do poderio da sublimidade magnífica dos seus infinitos atributos e perfeições; e que, num estouro de sabedoria amorosa, tira do nada seres criados à sua imagem e semelhança, capacitando-os para que posam chegar a participar d'Ele, por uma benevolência em manifestação do seu infinito poder, no gozo ditosíssimo da sua mesma vida divina: Anjos, Arcanjos, Querubins, Serafins, homens...?!

E tudo o que Ele desejasse fazer, potência lhe sobra para podê-lo realizar só com o desejo da sua vontade e o hálito da sua boca em manifestação criadora!

Quem como Deus que tem a plenitude do seu *ser-se* Criador, não pelo que tenha querido criar, mas pela potência infinita que, no seu *ser-se* Criador, *se é* e tem, de fazer coisas finitas à imagem da sua mesma perfeição...?!

Potência que é o mesmo de rica, exuberante e plena, seja que criasse, ou não criasse.

Tendo Deus a sua grandeza, não no que tenha feito, mas no poder criador da sua força que Ele *se é* por si mesmo para manifestação da sua glória. Pois poderio sobra-lhe para poder realizar tudo quanto possa desejar.

A criatura não é nada mais que a expressão, em realidade existente, de uma vontade majestosa do Ser Infinito que, derramando-se em criação, a faz à imagem da sua mesma perfeição para glória do seu nome. [...]

Pelo que a minha alma ficou penetrada, invadida e inundada durante toda a minha vida de um santo temor de Deus, que me faz repetir desde o mais profundo e íntimo do meu coração:

«Alma minha, não te olhes nem para bem nem para mal. Porque, se te olhas, como caiu Lúcifer, poderias cair tu».

Recordando também o dia 8 de março de 1956, quando, de maneira muito distinta, estando fazendo oração diante da exposição eucarística do Santíssimo Sacramento no Convento dos Anjos da Guarda, Jesus mostrou à minha pobre, assustada e desvalida alma o que queria fazer comigo e através de mim, para a manifestação do esplendor da sua glória; de forma que, ainda que apareceria eu, seria Ele quem realizaria tudo descaradamente, atrás da pobreza da minha debilidade.

Pelo que vivo suspirando anelante, na minha busca incansável e insaciável de dar glória a Deus e vida às almas, pelo Dia eterno onde contemplaremos a Deus sem podê-lo ofender nem podê-lo perder para sempre.

Já que, ao contemplá-lo cara a cara no dia das Bodas eternas, transformar-nos-emos, diante da luz do seu semblante, de claridade em claridade, naquilo que contemplamos.

9-9-1965

ESPERA

Quero em saudade, sem saber o quê...
Busco ofegante, sem encontrar...
Chamo, sem resposta alguma...
Suspiro no meu silêncio surdo...

Almejo na minha longa espera...
Choro na minha noite, caminhando...
e, diante do meu angustioso viver,
responde-me em burla o silêncio:

«Espera, espera ainda em morte...»

Esperar...? Esperar na noite,
pendurada no abismo sem luz...?
Que duro é ao Amor esperar,
quando Este me chama com sua voz ofegante,
diante do meu amor que busca, sem cansar-se,
a água do Eterno Manancial...!

Amor, por que, para deixar-me, me reclusas
em torturas que pedem a espera,
em desterro sem Sol, em sombras de morte...?

«Espera, espera ainda em prova...»

* * *

Esperar, para meu amor que morre...?,
para meu espírito resseco de chamar...?,
para minha alma que, faminta, desfalece...?,
para minha sede sedenta que pede ofegante
a Água do Eterno Manancial...?

Esperar...? Esperar o amor secreto
que na minha alma abriste por achar-te...?
Que duro é o meu desterro em espera
que não pode nem sabe esperar...!

*«Espera... espera, esposa... que ainda
é cedo...!»*

3-8-1965

UM DIA MAIS...!

Um dia mais
sem Ti
em tua luz
sem véus...!

Um dia mais na minha noite,
vivendo, sem viver,
em espera
que suspira por Ti,
em amor...

Que duro é meu tormento
em saudade que espera...!

Um dia mais...,
um dia...!;
um dia mais sem Deus em sol...!,
em torturas de morte,
em urgências por ver-te,
em espera do fim;
em saudades que pedem
o dia do encontro
em seu eterno festim...

Um dia mais
sem Sol...!
No fim, «um dia mais
em prova»,
dirão os que não sabem
minha profundidade,

ao ver-me suspirar,
sem luz.

Um dia mais
que é...?:

Tortura que me faz esperar
dia a dia
na minha noite,
em saudade amorosa
do dia do Amor
em luz.

Que duro é ao amor
esperar um dia mais...!

Um dia mais, o que é...?

28-9-1972

O CAMINHO DA VIDA

Não há compaixão para o meu peito ferido!

Risadas..., gargalhadas..., desprezos e incompreensões escuto em redor de mim, enquanto o meu espírito, esgotado de tanto padecer, sente-se desabado pelo peso avassalador da petição de Deus, que se faz dentro de mim torrente de inesgotáveis mananciais.

Silêncios de morte e respostas de burla, de indiferença e de contradição, fazem cair a minha alma, desvanecida pelo seu próprio peso, no aniquilamento em que o aparente fracasso da sua missão não recebida a põe.

Não quero expressar com frases que não dizem o que tenho, não quero dizer novamente, da maneira que não é, o que oprimo no espírito...! Não quero ser profanada, inclusive por mim...! Não quero, porque não posso mais...!

[...] Em quanta violência consume-se o meu ser e a minha sede e as minhas ânsias e as minhas apetências e os meus clamores e as minhas saudades e as minhas petições e as minhas melancolias e as minhas esperas... [...]

Que solidão no país da vida...! Que silêncio em redor de mim...! Que gargalhadas mais burlonas de incompreensão e menosprezo...!

Que mistério diante do descobrimento majestoso que a luz da fé, cheia de esperança e caridade, recebida no Batismo pela vida da graça, abre ao meu coração angustiado...! Que deslumbramento de verdade, de plenitude e de vida...! Que comunicação de amor e de derramamento...! Que impulsos de esperança em lançamento veloz para o encontro do além...!

Estou cansada de lutar; estou esgotada, sinto-me desfalecer... Acabam-se-me as forças e afundo-me na agonia da minha solidão... Estou acompanhada e sinto-me só no país da vida, porque busco larguras de corações sedentos, multidões com ânsias imensas em esperas do Amor, e a minha sede de almas consume-se na saudade clamorosa da inumerável descendência que me prometeu o Senhor, com clamores de morte.

Quanta mirada sobrenatural necessito...! Que forte há de ser o meu espírito de fé...! Que imensa a confiança do meu coração...! Morro na pena de não encontrar ressonância no eco da minha canção.

[...] Eu conheço Deus, entendo os seus mistérios, penetro no seu pensamento, descubro o seu plano, sei o seu modo de ser e de operar, e sinto-me oprimida pelo desconcerto e a desolação que, em pavores de treva, envolvem a Igreja...

Não sei se me explico, nem quase o intento. Hoje tudo é igual para mim. Vivo no silêncio do meu coração a opressão do meu espírito angustiado.

Escuto na lonjura gargalhadas burlonas de desprezo e de incompreensão que se mofam da Nova Sião... Intuo corações soberbos, mentes obscurecidas, pensamentos ofuscados, passos trementes, covardia e respeito humano; apercebo concupiscência, humanismo e desconcerto...; e traições solapadas que, por trinta moedas, com um beijo entregam o Filho do Homem, como Judas, «ao qual mais valeria não ter nascido»¹.

Mas, que importa o que eu aperceba, se o «Eco da Igreja» com ela afundou-se no silêncio e, choroso, rompe, sem forças, em lamentações proféticas que são aflições nas opressões do seu coração...?

Que importa que a Igreja com o seu «Eco» esteja desabada, cheia de cicatrizes e enrouquecida na canção infinita do Verbo, que por ela soletra aos homens em ternos, doces e amorosos colóquios de amor as suas eternas perfeições, ou esteja aprisionando o afluente inesgotável das Fontes dos seus infinitos e coeternos Mananciais...?!

Que importa para os que não descobriram os pensamentos luminosos de Deus...?! Que importa que a Igreja envolva o seu pranto entre soluços, se os que não são Igreja, com uma furiosa e sarcástica gargalhada diante de um triunfo aparente que hoje é e amanhã afundar-se-á no fracasso arrepiante da morte e desespero, andam apressados na ocupação funesta da sua destruição...?!

¹ Mt 26, 24.

Que importa que os Apóstolos estejam dormidos, se um deles, Judas, está bem desperto; já que «os filhos das trevas são mais sagazes do que os filhos da luz»²...?!

Olho atemorizada, buscando ainda que só seja uma mão amiga que me brinde o seu amparo, a sua compaixão e o seu apoio, e descubro na lonjura uma gargalhada burlona, resposta angustiosa à minha torturante petição...

Estou cansada..., desalentada... Busco e não encontro, e o eco do meu soluçar perde-se no silêncio da incompreensão imolante do meu incruento peregrinar.

Que importa que o «Eco da Igreja» chore, se na peregrinação da vida todos têm tanto que fazer que não há lugar para escutar o lamento, cheio de petições de Deus com clamores eternos, posto no meu peito dolorido...?

*«Solidão que aterroriza,
vozes do Imenso,
segredos profundos
que guardo em silêncio...*

*Solidão que aterroriza,
em queixumes quedos
dentro da profundidade
que oprime o segredo...*

² Cf. Lc 16, 8.

Solidão que aterroriza,
por seu desconcerto,
contemplando a alma
chorando em seu dó...

Solidão que aterroriza,
envolve meu vôo,
com incompreensão
que perfura o peito.

Solidão que aterroriza,
afogada em lamento,
que, sem dizer nada,
é noite de inverno...

Solidão que aterroriza,
profundo silêncio
com resposta muda
a quanto desejo...

Solidão que aterroriza,
em ditos sem eco,
já que, quanto digo,
aumenta o tormento...

Solidão que aterroriza,
desterro deserto,
com vozes que convidam
a voar ao Céu...

Solidão que aterroriza,
gemidos secretos,
torturantes penas
que sela o mistério...

Solidão que aterroriza,
com rangidos
de agonias lentas
e feridores lamentos...

Solidão que aterroriza,
dá passagem ao meu vôo!»

18-4-1975

Hoje meu ser está abatido, e caminha como perdido, desabado e apavorado, pelo caminho pressuroso do encontro do Pai...

Sim..., o caminho...!! Minha alma surpreendeu, num momento, com a rapidez de um raio, penetrada pela luz do pensamento divino, um caminho que cruzava diante de mim: O caminho que conduz todos os homens ao termo ditoso da luz, da paz e do amor...!

Um caminho largo contemplou a minha mirada espiritual, preparado por Deus para todos os seus filhos, para que todos passemos por ele no nosso peregrinar e cheguemos ao termo ditoso da Luz... Um caminho largo pelo qual todos corremos: o caminho da vida!, o caminho da Nova Jerusalém, através do deserto para chegar à Terra Prometida...!

Que bem compreendo-o...!, que bem...! Que claro e que penetrante é hoje para o meu espírito angustiado a verdade saborosíssima, e ao mesmo tempo dolorosa, do descobrimento do caminho que nos leva ao encontro amoroso e infinito do nosso Pai Deus...!

O desterro é o caminho que nos conduz à Eternidade. Deus, no seu plano eterno, criou-nos para Ele, só e exclusivamente para Ele!; para que, possuindo-o, entrássemos na sua vida, vivêssemos da sua felicidade na posse do seu gozo infinito, na participação ditosíssima da sua plenitude. E, com carinho e ternura de Pai, pôs-nos no caminho da vida, por onde todos, sem interrupção, iríamos para Ele.

No termo glorioso e triunfante deste peregrinar pelo caminho que nos leva ao encontro da posse de Deus, estão os Portões suntuosos e largos da Eternidade, abertos para introduzir por eles todos os filhos de Deus que cheguem marcados nas suas fronteiras com o nome de Deus e o selo do Cordeiro... E nesses Portões da Jerusalém celestial e eterna aguarda-nos o Amor Infinito, na espera da chegada pressurosa de todos nós para introduzir-nos na festa das Bodas eternas.

Este é o sentido real do caminho da vida que Deus determinou para todos e cada um de nós; mas o pecado, a rebelião, o «não te servirei» dos nossos primeiros Pais no Paraíso terrestre, interpôs-se e abriu uma «brecha» no termo do nosso peregrinar, entre o Céu e a terra, entre a criatura e o Criador, entre a vida e a morte; onde está o Abismo, consequência arrepiante do «não te servirei» de Lúcifer. Um Abismo tão insondável, tão profundo, tão infranqueável entre a terra e o Céu, que impossibilitou todos os homens a introduzirem-se airosoamente, no termo da sua peregrinação pelo

caminho da vida, nas mansões suntuosas e gloriosas da Eternidade.

Os Portões da Eternidade, diante do Abismo que abriu o pecado, fecharam-se, e já ninguém podia possuir o Reino da luz, para o qual todos caminham, e único fim para o qual fomos criados...

Mas Deus, na sua infinita sabedoria, cheio de ternura e compaixão, quis estabelecer novamente a sua amizade com os homens. O Amor Infinito sentiu-se impulsado em compaixão misericordiosa para o homem caído, de tal forma que o Pai enviou o seu unigênito Filho que, em e pela plenitude do seu Sacerdócio, suspenso no Abismo, entre Deus e os homens, estendeu seus braços e, pelo exercício da plenitude do seu Sacerdócio, lançando um grito dilacerante de amor e misericórdia, pendurado entre o Céu e a terra, exclamou: «Vinde a mim, que Eu vos introduzirei no Reino do Amor»; não sem antes ter aberto de par em par novamente com o fruto da sua paixão sangrenta e da sua ressurreição gloriosa, com as suas cinco chagas, os Portões largos da Jerusalém Celeste.

«Temos um Sumo Sacerdote grande que atravessou os céus, Jesus, o Filho de Deus... Aproximemo-nos, portanto, do trono da graça para alcançar misericórdia e encontrar graça, que nos auxilie no momento oportuno»³.

³ Hb 4, 14. 16.

E aí está Cristo, suspenso entre o Céu e a terra, convidando-nos com clamores de morte, como única ponte e tábua de salvação, a passar por Ele e com Ele o Abismo insondável que o pecado abriu entre Deus e o homem, entre a criatura e o Criador...

Ó...! Hoje, cheia de surpresa, repleta de luz, e desde o pensamento divino, cheia de sabedoria amorosa, vejo e descubro como os homens, em carreira vertiginosa, correm sem saber aonde para o dia luminoso do encontro do amor, da justiça e da paz.

Ó...! todos correm na mesma velocidade, todos vão pelo mesmo deserto; mas, quantos são os que alcançam o dia ditoso e glorioso do Reino da luz em conquista de glória como triunfo do torneio? Todos chegam ao termo do seu peregrinar, mas, quem cruza a fronteira para introduzir-se no Reino da paz e da felicidade...?

«Entrai pela porta estreita, porque larga é a porta e espaçoso o caminho que leva à perdição, e muitos são os que entram por ele. Como é estreita a porta e apertado o caminho que leva à vida, e são poucos os que o encontram!»⁴.

Hoje compreendi num momento, iluminada pelos lumes candentes que nos dá a fé, de um modo simples mas profundo, cheio de sabedoria amorosa em aguda penetração que, como uma espada afiada, cravou-se nas pupilas cin-

⁴ Mt 7, 13-14.

tilantes do meu espírito, um caminho pelo qual todos os homens corríamos em carreira vertiginosa para o termo do desterro, que é o encontro da felicidade eterna.

Caminho que, diante da minha mirada espiritual, pareceu-me muito curto pela velocidade apertada dos que por ele passavam, compreendendo esta frase da Escritura: «Para Deus mil anos são como um dia»⁵; já que vi passar batalhões de milhões de homens de todos os tempos pela vida num momento, descobrindo a velocidade e a rapidez do nosso peregrinar.

Ó que momento...! Quanto vi neste instante de luz...! Que pequenino, que pobre, que curto vi o caminho da vida...!

Que pouca transcendência a dos cálculos inimagináveis dos homens...! Que fugaz tudo o que encerra a vida...! Todas as coisas como se não fossem; com um só sentido: correr pressurosamente ao encontro do Reino da Luz como diz o Apóstolo: «Corro direito para a meta, rumo ao prêmio, que, do alto, Deus me chama a receber em Cristo Jesus»⁶.

E é tão fugaz tudo o que sucede neste caminhar pressuroso para conseguir o prêmio, tanto!, que, diante da minha mirada espiritual, como se não existisse; tanto!, que a vida de todos os homens de todos os séculos passou num instante; tanto!, que todos os séculos com toda a fartura dos seus dias e das suas realidades,

⁵ Sl 89, 4 = 2 Pd 3, 8.

⁶ Fl 3, 14.

encerram-se num abrir e fechar dos olhos para o pensamento de Deus e a mirada espiritual daqueles aos quais lhes são descobertos esses mesmos pensamentos sob a luz candente e luminosa da fé...

Que é a vida...? Um abrir e fechar dos olhos em carreira vertiginosa para a Eternidade.

E que é a Eternidade...? A repleção de existência que saturará em realidade existente, num «para sempre» de felicidade e fartura em gozo do Infinito, todas as nossas capacidades criadas e abertas à posse de Deus pela fartura do Sumo Bem.

Só um sentido tenho visto à vida do homem: correr airoso para a meta para encontrar-se no final com Cristo e Este crucificado e glorioso pelo triunfo da sua ressurreição, e ser introduzidos por Ele no gozo do Pai.

Todos corremos por lei de vida e vamos deixando detrás lugar a outros que também vêm correndo e como empurrando-nos diante da velocidade dos que apressadamente os impelem em carreira veloz, correndo atrás deles para ocuparem o lugar que, em seu passar, vão deixando aos que pressurosamente vão chegando no cruzar pelo caminho de cada homem...

Todos chegamos, uns antes, outros depois, às fronteiras das infinitas claridades do Sol Eterno...

Ao chegar a essa fronteira, para a qual vertiginosamente vamos apressados, no termo da vida –ó surpresa cheia de estupor!– descobri

que uns paravam de repente: são os que ainda estão em tempo de reflexionar, os que, no termo do seu peregrinar na sua carreira vertiginosa, descobriram uma rajada de luz.

Outros, ó terror!, na sua vertiginosa carreira, na sua aloucada obstinação, no seu inconsciente caminhar, caem no Abismo –que foi aberto para Lúcifer e seus seguidores pela sua rebelião de «não te servirei»– com a velocidade e trepidez de um raio, perdendo-se nas profundidades arrepiantes dos seios do vulcão aberto, cheios de terríveis alaridos diante do desespero eterno de saber que caíram ali sem poder-se parar nem retroceder nem voltar, e para sempre!

E como caíam...! Caíam...! Caíam...!, entre angustiosos alaridos de morte e inimaginável desespero naquela obscuridade sem fundo, naquele Abismo insondável, para o qual a minha alma, pressurosa e apavorada, tentou olhar; mas não lhe via o fim, pela sua tenebrosa e profunda obscuridade...

Caíam no Abismo...!

Enquanto que os que iam com o olhar posto em Deus, os que corriam buscando o caminho certo e seguro da vontade divina chegando às fronteiras do Abismo, cruzavam-no sob a sombra do Onipotente e a brisa da sua vizinhança, passando assenhoradamente, como em vôo, o Abismo insondável que, interpondo-se no caminho da vida, separa-nos da Luz...

Mas, para passar do desterro à Vida, da obscuridade à Luz e franquear o Abismo insondável

vel, é preciso descobrir o Cristo pendurado sobre o Abismo, com olhos candentes, iluminados pela fé e impelidos pela esperança, e escutar o seu clamoroso «Vinde a mim»⁷!; e lançarmo-nos através do vazio com a esperança posta na passagem luminosa da sua misericórdia infinita.

E este Abismo é preciso cruzá-lo voando, com asas de águia que nos assegurem um franqueamento seguro para a mansão do Amor...

Quantos vão correndo sem prevenir-se das suas asas...! Quantos vão correndo aloucados para o fim...!: Uns surpreendentemente caem no Abismo na sua rebelião deslocada e obstinada, como Lúcifer, de «não te servirei»; outros, que ainda estavam em tempo para reflexionar, param-se de repente diante da impotência de podê-lo franquear; enquanto os que, purificados e lavados com o sangue do Cordeiro, que chegam da grande tribulação, os filhos da Luz, cruzam o Abismo com a velocidade de um raio, porque são homens com asas grandes de águia, que vão pressurosos diante da voz de Cristo pendurado no Abismo para cruzar por Ele as fronteiras que nos separam da Eternidade.

Que claramente contemplava, compreendendo-o sob os lumes dos sóis do pensamento divino, que o Abismo é o inferno onde caem os homens insensatos no termo da sua carreira vertiginosa, por dizerem a Deus «não» no seu grito de rebelião em descaramento inconcebível contra o Criador!

⁷ Mt 11, 28.

As asas de águia são a mirada sobrenatural, a busca de Deus, o encaixamento no seu plano, e a caridade, os Sacramentos, os dons e frutos do Espírito Santo, que nos fazem andar pela terra com em vôo sem sujar-nos no seu barro; capacitando-nos para correr por cima das coisas criadas, com olhos candentes capazes de descobrir a eterna sabedoria. Porque a sabedoria de Deus na alma que a possui é como chamas acesas, como setas impelidas pelo amor e como flecha afiada que, introduzindo-se no mais profundo do ser, penetra toda a vida do homem, dando-lhe a conhecer a verdade do plano divino e proporcionando-lhe a força que necessita para segui-lo até o final.

Que estranha é a minha vida...! Hoje foi-me descoberto num momento um caminho rápido, breve, pelo qual todos os homens corríamos velozmente. Todos com um mesmo passo; nenhum, ainda que quisesse, podia atrasar-se: são os dias da vida. Nenhum ia mais ligeiro nem mais devagar; todos com uma mesma velocidade, num caminhar simultâneo e, além disso, num caminhar que era vertiginoso e, portanto, logo chegaria ao seu fim.

Mas neste caminhar alguns vão arrastando-se e sujando-se no lodaçal do mundo: «nuvens sem água, levadas pelo vento, árvores que no fim do outono não dão fruto, duas vezes mortas, arrancadas pela raiz, ondas bravias do mar a espumarem a sua própria impudência, astros errantes, aos quais está reservada a escuridão

das trevas para a eternidade»⁸; e que, ao chegar ao termo e encontrar-se com o Abismo que lhes separa do seu fim, na sua enlouquecida e desconcertante carreira, caem de improviso nesse Abismo tenebroso e insondável de terrível amargura e desespero eterno, sem deter-se a reflexionar.

Enquanto que os segundos, que vão com as suas asas estendidas sem manchar-se no lodçal, seguem adiante por cima do Abismo, passam-no, cruzam-no velozmente deixando-o atrás, porque caminham impelidos pela voz do Amor Infinito que, pendurado no Abismo, cravado entre Deus e os homens, reclama-lhes: «Vinde a mim». E com Ele e por Ele introduzem-se na mansão da Luz, da Vida e do Amor...

Também há uns terceiros que, parando-se de repente na borda do Abismo, estão em tempo de reflexionar.

Todos corremos com uma mesma velocidade, ainda que nem todos chegaremos a um mesmo termo, apesar de que o termo que Deus quis para todos é o mesmo; mas não o podem conseguir senão aqueles que, vivendo do sobrenatural mediante a vida da graça e sob o ímpeto do Espírito Santo, têm asas, e asas de águias reais, que os fazem capazes de franquear o insondável Abismo que existe entre a Vida e a morte, entre a terra e o Céu.

⁸ Jd 12b-13.

Estranha concepção da vida a que hoje, num momento, descobri...! Estranha intuição que me ensinou novamente o fugaz das coisas, o modo apressurado em que se desliza tudo, e a necessidade de buscar só a Deus para franquear triunfantemente em conquista de glória o Abismo que se antepõe à Luz.

Abismo cortado de repente, imensamente profundo, tanto, que não se vê o seu fim!; pelo que só com asas imensas de águia poderá ser atravessado.

Ouçó gargalhadas na lonjura... carreira em tropel... caminho de vida... Porque é o caminho da vida pelo qual vamos todos, porque é o desterro o caminho que nos leva à Vida, pelo qual nem todos vão da mesma maneira, mas todos corremos com a mesma velocidade...

São asas de águia as que necessita o meu coração dolorido, para correr ao encontro do Amor...! Mas ouçó, no caminhar da minha vertiginosa peregrinação, gargalhadas burlonas de desprezo e incompreensão, que me fazem estremecer, diante de quanto descobriu-se hoje à minha mirada espiritual, no mais profundo da medula da alma.

Que curto é o caminho...! Que perto está o Abismo...! Que infranqueável sem asas de águia...! E as asas só o amor, o sacrifício, a renúncia e a vida de fé, esperança e caridade, os

Sacramentos com os dons e frutos do Espírito Santo, são capazes de dar-no-las; asas de águia que nos levem à esperançosa luz do Amor:

«Se tua mão te faz cair, corta-a! É melhor entrares na vida tendo só uma das mãos do que, tendo as duas, ires para o inferno, onde o verme não morre e o fogo nunca se apaga. Se teu pé te faz cair, corta-o! É melhor entrar na vida tendo só um dos pés do que, tendo os dois, ser jogado no inferno, onde o verme não morre e o fogo nunca se apaga. Se teu olho te faz cair, arranca-o! É melhor entrar no Reino de Deus tendo um olho só do que, tendo os dois, ir para o inferno, onde o verme não morre e o fogo nunca se apaga»⁹.

Que curto é o caminho...! Que velocidade a dos seus caminhantes...! Que insensatez a da imensa maioria dos que por ele caminham...!

Alma querida, abre tuas asas e alarga o espírito, porque Deus está perto...!

A vida é contraste
de pena e de gozo,
do dia e a noite,
de frio e calor,
em profunda nostalgia
que espera, em fartura,

⁹ Mc 9, 43-48.

calmar as repleções
do seu coração.

A vida é contraste,
cheia de apetências,
em busca constante
de um dia de sol;
pois nada é tão triste
qual a noite gelada,
de nuvens carregadas,
sem sentir calor.

Setas que ferem
que vão e que vêm
e que se introduzem
no interior,
gravando na alma
cauterizações
de gozos e penas
pela incompreensão...

A vida é caminho
que leva ao Imenso,
e vai entretecendo,
em sua abrangência,
dias de verão
com noites serenas,
e dias de inverno
cheios de pavor.

Minha alma, adorante,
contempla o mistério
do Céu e a terra;
profunda dor!

Vivo no Imenso
dentro da sua fundura
e estou no solo
da destruição...

Solidão que aterroriza,
doce companhia,
contrastes que envolvem
nosso caminhar...

Nada há tão secreto,
tão doce e sagrado,
como uma alma orando
na sua solidão.

Deus chama a esposa
sempre e sem cansar-se,
com invitações
à sua intimidade;
e esta se remonta,
carregada de amores,
em prontas respostas
de fidelidade...

Ele lhe corta o passo
quando ela se lança,
e lhe diz quedo:
Hás de retornar;
recolhe feixes,
enche teus celeiros,
repleta teu seio
de fecundidade.

E assim, com os frutos
de nossos amores,

quando passe o tempo
do teu caminhar,
te abrirei meu peito,
repleto de dons,
para que tu gostes
minha divindade,
sem que nada impeça
abrir os Portões,
agora selados,
da Eternidade.

Ó, que dia, então,
Esposo divino,
quando Tu me chames
com urgência tal,
que eu te responda
repleta de dons:
Vou, amado meu,
não te farei esperar!

Agora tuas batidas
teclam minha alma
e trançam romances
de um mútuo beijar.

Repousa, meu Esposo,
em minha alma amante
que hei de descansar-te,
sabendo apoiar,
assim com meus filhos
minha frente em teu peito,
para que Tu gostes
deste reclinar.

Meu Jesus glorioso,
Tu e eu nos olhamos

um no outro,
profunda intimidade...!

Com ternos amores
e enchidos de gozo,
os dois nos dizemos
em teu palpar:

Te amo, meu Amor...!
e assim nos gloriamos,
Amador Eterno.

Que dita! Que profundeza! Que paz!

31-3-1976

1-6-1994

NO INFERNO E SEM DEUS, O QUE FARIA A MINHA POBRE ALMA?

Hoje desejo referir,
ainda que me encontre cansada,
o que um dia me ocorreu
de maneira inesperada:
algo terrível e feroz
que em minha vida se gravara;
e em minha alma se imprimiu
que o Senhor mo mostrava.

Sem saber como isto foi,
no inferno me encontrava...!

Que terror!, filhos queridos,
que amargura mais amarga...!,
com que desespero...!;
a esperança era passada.

Já tudo se terminou.
Libertar-me não lograva
daquele terrível terror
dos que ali se encontraram.

E ainda que não saiba como foi,
ali minha alma chegara,
para poder expressar
o pavor que me inundava.

Ó que desespero...!,
com negrura insuspeitada!,
sem poder-se libertar
ainda que forcejasse.

E intentava escapar,
mas me encontrava apresada
em sombrio calabouço,
oprimida...!, atezada...!
E tanta angústia sentia
que nem respirar lograva.

Que negrura...!, que treva...!;
Como me desesperava...!:
isto se gravou muito fundo,
muito profundo em minhas entranhas.

E em meu desespero
lutava, por se lograsse
escapar daquele terror
que toda me escravizava;
e com terríveis horrores...!,
com monstruosos fantasmas...!,
que, ainda que caras não tinham,
muito bem que os pressentia.

Não podia escapar...!
Fechado tudo se achava,
como com ganchos agarrada.

A maneira não encontrava
de romper aqueles ferros
que tanto me atezavam.
E lutava em meus afãs
de encontrar-me libertada.

Num silêncio muito surdo
meus gemidos ficavam.
Gemidos desesperantes!:
Perdeu minha alma a quem amava;
já jamais o encontraria.
Pois, a este lugar lançada,

nunca me libertaria;
no Abismo me encontrava...!

Ó que desespero
e obscuridade me anegavam...!

No inferno e sem Deus,
o que faria minha pobre alma...?
Como teria ali caído...?!

O modo não me explicava;
pois me encontrei de repente,
quando menos o esperava.

E por muito que te diga
para que o penetrasses,
jamais poderás compreender
o que eu experimentara,
quando ao inferno cheguei
sem saber como chegara;
mas nele devi cair
de maneira inesperada.

Em meu desespero,
voou ao céu minha mirada,
e em minha amargura dizia:
Aqui me encontro fechada!,
e não sei como isto foi,
nem por qual buraco entrara.

Mas era para sempre...!,
a dúvida não me ficava!
Tinha perdido Deus,
e não existia um amanhã
para correr onde Ele,
tanto como o desejava.

Minha perda era para sempre!:
assim o experimentava.

Não lograria sair,
por mais que forcejasse,
daquele terrível lugar
onde estava condenada.

Tinha perdido Deus
e estava desesperada,
sem saber como caí
no lugar que me achava.

E o mais terrível era
que esperança não ficava...!
Aquilo era para sempre,
porque o tempo não passava;
ainda que o tempo não existisse
naquela morte estranha.

E por mais que o dissesse
e, forçando-me, expressasse,
não descreverei o lugar,
sem ser lugar, em que estava.

Era algo tão estranho,
que em minha agonia não achava
a maneira de dizê-lo,
ainda que muito me esforçasse.

Porque a misericórdia
para aqueles não contava,
pois haviam abusado
de quanto Deus lhes doara;
e o tempo havia passado
para que aproveitassem
do sangue do Cordeiro,
que na cruz foi derramado
para redimir o homem
que com ele se limpava.

Tinha-se perdido tudo!;
não existia a esperança!;
só o desespero,
em uma amargura tanta,
que jamais poderei dizê-lo
por muito que o intentasse.

Isto foi o mais terrível
que em minha vida me acontecera.
«Alma minha, não te olhes...»
mais pequeno ficara;
porque esperança tinha,
se ao Senhor não defraudava
do modo que Ele o imprimia
no centro da minha alma.

E ainda que fosse uns momentos,
já ali por sempre me achava...!
Essa era a experiência
que toda me penetrava.

E foi como muito tempo...!,
porque o tempo não passava.
Me encontrava no inferno,
e condenada me achava
com aqueles condenados
que naquele lugar estavam.

Pavorosa obscuridade
a todos nos embargava.
Ali nada se via;
uns com outros chocavam
pelo desespero
que tanto desesperava.

E eu estava com os diabos!
Assim o experimentava.

Eles já me possuíam
com ódio que desafogavam
para vingar-se de mim,
e ao fim me martirizavam.

Ó que terrível masmorra!,
onde eu intentar gritava
para implorar ao Senhor
que viesse e me tirasse
por seu coeterno poder.
Outra coisa não bastara,
pois, sem saber seu porquê,
no inferno me achava.

E ainda que muito bem compreendia
que já estava condenada,
gritava mui fortemente
por se o Senhor me escutasse,
e sua potência divina
sua compaixão me mostrasse,
—ainda que não fosse possível
que de ali me resgatassem—;
e no fim sua eterna clemência,
em ternura se mostrasse
e, ao olhar a sua pequena,
alguma maneira achasse.

Por uma misericórdia,
que neste lugar não entrava,
eu fui tirada dali,
quando menos o esperava,
pelo poder infinito
d'Aquele que tanto me ama.

Vejo que me libertei
do que ninguém lograra;

pois já não pode sair
quem se precipitara
no Abismo insondável,
de negrura insuspeitada.

Pois te agarram ferozes ganchos
para que não escapasses;
porque aquele que cai ali,
já para sempre se acha.

Eu não sei como saí
e assim hoje to contasse.
Talvez fosse para isto
para o que ali chegara.

Mas por muito que te diga,
jamais dizê-lo lograria;
pois não se pode dizer
o que eu experimentara
aquele dia que caí
no inferno, e provara
do desespero,
que aqueles que ali se achavam
têm por saber que a Deus
já jamais nunca alcançariam,
e que tudo perderam
quando menos o esperavam,
por rebelar-se Àquele que É
de forma deliberada.

Por isso, quando me vi
que ali dentro me encontrava
e não podia sair
nem estender minhas grandes asas,
porque tudo me oprimia
para que não o lograsse;
no desespero

que experimentou minha alma,
compreendi que no inferno
esperança não ficava,
porque aqueles que caíam
nunca mais se libertavam.

E eu caí, filhos queridos,
para que to contasse,
e por isso saí,
quando lográ-lo não achava.

Mas de repente me encontrei
que já estava libertada,
ainda sem saber como entrei
nem de que modo escapara.

Isto durou pouco tempo.
Deus quis que eu provasse
aquele terrível tormento
e aos homens o contasse.

E me libertou correndo...!
Ele mesmo não suportava
que estivesse muito tempo,
pois pouco necessitava
para que eu o soubesse
e ali o experimentasse,
e nada ficasse oculto
que não dissesse minha alma:
nada de quanto Ele queria
que eu lhes manifestasse
aos homens desta terra
antes que ao Céu andasse.

Isto nunca vo-lo contei
como agora o explicasse,
por não saber como fazer;
pois a maneira não achava

para podê-lo expor,
com a palavra criada,
decifrando os tormentos
de quem contra Deus se alça
e se afunda no inferno,
perdendo toda esperança.

Gosto tanto de dizer-te,
filho da minha Igreja amada,
as coisas do Infinito,
as que Ele mesmo me ensinara,
que quando te hei de expressar
o que antes te contara,
resisto, filho querido,
por se bem não o explicasse,
e cressem que era pouco
aquilo que me passara
o dia que no inferno
me sentira condenada.

Cada vez que o recorde
e seus terrores me espantam,
quero deixá-lo em silêncio,
sem que jamais decifrasse
os tenebrosos tormentos
que meu espírito encontrara,
com o desespero
em que me desesperava,
querendo-me libertar,
e nem esperança encontrava;
enquanto que rompia em gritos,
sem ter quem me escutasse...!

Filho, por mais que o digo,
não expresso o que passara

quando me encontrei no inferno,
de onde fui resgatada
pela mão do Eterno.

Ele já mais não suportava
que ali estivesse mais tempo
em desesperança tanta,
porque o tinha perdido
e nada já me importava;
só poder libertar-me
da masmorra lacrada
com ganchos de duros ferros
que dentro me atenazavam.

Mas não quero repetir
o que não tem palavras.
Não são coisas da terra;
com seu fim, estas se acabam.
Aquilo sempre perdura...!

E o Senhor que me levara
para que to dissesse
e aos homens o explicasse,
com seu poder infinito
e por seu amor me tirara.

Sem saber como isto foi,
eu me encontrei libertada
da obscuridade obscura
que o inferno atenazava.

Vinte e sete anos tinha
quando isto me passara.

Vem comigo às Bodas
que faz pouco te explicava.
Alarga tuas asas grandes,
que ainda na terra te achas

sem cair no Abismo,
pois dali ninguém escapa.

A mim o Senhor me levou,
e Ele mesmo me libertara.
Isto foi um grande milagre
que o Onipotente fizera
com minha alma pequenina
que aquilo não suportava,
e se volvia chorando
para que Deus a tirasse.

E com seu braço potente,
cheio de ternura tanta,
pegou-me daquele lugar,
e a seu seio me levara
um dezoito de março
depois de que isto passara.

Pois foi antes, filhos meus,
quando isto experimentara.
E assim Deus me preparou
para que o contemplasse
em seu júbilo de amor
e em seu seio me adentrasse.

Vem comigo às Bodas,
tua alma está libertada.
Enquanto mores na terra,
com cuidado hás de passá-la,
por se pudesses cair
e tudo estropeasses.

Vem comigo aos Céus,
a liberdade te reclama
no festim coeterno
da Trindade Sagrada.

Corre à minha alma, filho meu,
antes que para o Céu parta,
e quando já tenha voado
recorda meus ensinamentos.

Te necessito a meu lado
no lugar em que vá,
pois és minha descendência,
a que Deus me encomendara
para cumprir a missão
que na Igreja me doara.

Vem comigo para a Glória,
e deixa as coisas vãs.

Esta experiência que a minha pobre alma viveu num tempo brevíssimo para que o manifestasse, deixou minha vida lacrada para sempre.

Hoje, dia 28 de maio de 2001, ao transcrevê-lo, vem-me a lembrança que a alguns Santos Deus mostrou-lhes o inferno de uma ou de outra maneira, com os seus terrificantes tormentos e a situação arrepiante em que se encontram os condenados, e manifestaram o que ali viram e ouviram. Entre eles os Meninos de Fátima, Santa Teresa de Jesus e Santa Faustina, recentemente canonizada.

Coisa que nos deve levar todos a viver cheios do santo temor de Deus, já que, «muitos são os chamados, mas poucos os escolhidos»¹; e a estar todos velando porque «na hora que menos pensemos virá o Filho do Homem»².

¹ Mt 22, 14.

² Cf. Lc 12, 40.

3-10-1972

ASAS DE ÁGUIA

É curto o caminho que conduz à Vida. É curto porque estão contados os dias dos homens que por ele caminham. É curto porque estamos criados para a Eternidade, para o dia luminoso da Luz, para o encontro com o Pai, e este caminho que nos conduz à Pátria é só caminho, peregrinação através do desterro que nos leva irremissivelmente às fronteiras do além.

Gravou-se na minha mente, no meu coração dolorido pela dureza da vida, pela incompreensão dos homens, pela traição de muitos que se chamaram meus, pela gargalhada dos que me desprezam e pela multidão dos que não me recebem...; sim, gravou-se, diante do meu olhar assombrado, um caminho curto pelo qual todos caminhávamos pressurosos: eram os dias da vida no desterro.

Tão pressurosos caminhávamos, que vertiginosamente corríamos em velocidade simultânea, sem poder-nos deter nem poder tampouco adiantar, dado que o tempo é uma medida para todos igual.

E ao chegar ao fim do desterro, ao terminarem-se os dias da nossa peregrinação, vi um corte brusco diante de uma fronteira; um Abis-

mo insondável, do qual não se via o termo em profundidade, em fundura. Quem ali cai, cai para sempre; jamais poderá sair, porque a profundidade do seu seio é insondável, porque a força da sua atração, portanto, é irresistível.

«Havia um homem rico, que se vestia com roupas finas e elegantes e dava festas esplêndidas todos os dias. Um pobre, chamado Lázaro, cheio de feridas, ficava sentado no chão junto à porta do rico. Queria matar a fome com as sobras que caíam da mesa do rico, mas, em vez disso, os cães vinham lamber suas feridas.

Quando o pobre morreu, os Anjos o levaram para junto de Abraão. Morreu também o rico e foi enterrado.

Na região dos mortos, no meio dos tormentos, o rico levantou os olhos e viu de longe Abraão, com Lázaro ao seu lado. Então gritou: “Pai Abraão, tem compaixão de mim! Manda Lázaro molhar a ponta do dedo para me refrescar a língua, porque sofro muito nestas chamas”.

Mas Abraão respondeu: “Filho, lembra-te de que durante a vida recebestes teus bens e Lázaro, por sua vez, seus males. Agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. Além disso, há um grande abismo entre nós: por mais que alguém desejasse, não poderia passar daqui para junto de vós, e nem os daí poderiam atravessar até nós”.

O rico insistiu: “Pai, eu te suplico, manda então Lázaro à casa de meu pai, porque eu tenho cinco irmãos. Que ele os avise, para que não venham também eles para este lugar de tormento”.

Mas Abraão respondeu: “Eles têm Moisés e os Profetas! Que os escutem”.

O rico insistiu: “Não adianta, Pai Abraão. Mas, se alguém dentre os mortos for até eles, certamente vão se converter”.

Abraão, porém, lhe disse: “Se não escutam a Moisés, nem aos Profetas, mesmo se alguém ressuscitar dos mortos não acreditarão”»¹.

Sim, carreira vertiginosa e gente que em tropel corria pressurosamente... E ao chegar à boca profunda do vulcão aberto da perdição, uma parte caía na profundidade daquele Abismo que os tragava com a força de um furacão, perdendo-se para sempre, para sempre!, e como de surpresa diante da minha mirada espiritual.

Outra, parava de repente, talvez ainda tinha tempo para reflexionar...

Era capaz este segundo grupo de passar o Abismo...? Não sei como; porque, para passá-lo, eram necessárias asas e asas grandes, fortes, asas de águia, acostumadas a voar muito alto e superar imensos abismos e grandes perigos...; já que a Deus não se pode possuir se não se chega com asas de águia que, levantando-nos para Ele, fazem-nos capazes de viver por participação da sua mesma vida, sendo filhos seus, e herdeiros da sua glória.

Como passaria então este segundo grupo que não estava prevenido com as suas asas...? Quem

¹ Lc 16, 19-31.

lhe daria asas de águia para voar...? Talvez os Sacramentos..., um ato de amor puro..., um raio de luz que os transforme, como ao bom ladrão, fazendo-os reagir diante da realidade dramática da sua situação de forma que possam cruzar o Abismo...

«Por minha vida, oráculo do Senhor Iahweh; certamente não tenho prazer na morte do ímpio; mas antes, na sua conversão, em que ele se converta do seu caminho e viva. Convertedei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos. Por que haveis de morrer, ó casa de Israel?

Se Eu disser ao ímpio: “Tu morrerás”, mas ele se converter do seu pecado e praticar o direito e a justiça, certamente viverá, não morrerá. Todos os pecados que cometeu já não serão lembrados: ele praticou o direito e a justiça, portanto, viverá. Os filhos do teu povo dizem: “A maneira de agir do Senhor não está certa”. Ao contrário, é a vossa maneira de agir que não está certa. Com efeito, ao desviar-se o justo da sua justiça e praticar o mal, ele morrerá por esta causa. Por outra parte, quando o ímpio se converter de sua impiedade, praticando o direito e a justiça, viverá por estas coisas. Mas vós dizeis: “Não está certa a maneira de agir do Senhor”. Certamente, ó casa de Israel, Eu julgarei cada um de acordo com o vosso comportamento»².

Ainda que a imensa maioria, mesmo depois de ter cruzado o Abismo, terão que purificar-se

² Ez 33, 11. 14. 15b-20.

para poder chegar a possuir Deus. Já que, no transcurso do peregrinar pelo lodaçal desta vida, não têm as suas túnicas completamente lavadas e purificadas com o sangue do Cordeiro, mediante o qual «se vossos pecados forem vermelhos como escarlata, ficarão brancos como a neve, se vermelhos como a púrpura, ficarão iguais à lã»³.

Pois, para participar de Deus segundo o modelo de Quem, olhando-se no que a Ele faz ser Deus, criou-nos à sua imagem e semelhança para introduzir-nos na intercomunicação familiar da sua mesma vida divina; temos que fazer-nos conforme a Ele. Já que, «em sua luz veremos a Luz»⁴, transformados de claridade em claridade naquilo que contemplamos;

ficando transbordados diante do resplendor da sua glória, e sendo, com todos os Bem-aventurados, resposta de adoração reverente, num ato de amor puro, à Santidade intocável do Deus três vezes Santo; ao qual não se pode possuir entrando no Convite Eterno sem traje de Bodas.

E de tal forma é isto, que a alma, uma vez libertada da escravidão do corpo, penetrada pelo pensamento divino, ao não se encontrar preparada e capacitada para possuir Deus, instintivamente buscaria a sua própria purificação, no seu grito de: Quem como Deus?!, diante da necessidade de cumprir o fim para o qual foi criada.

³ Is 1, 18.

⁴ Cf. Sl 35, 10.

Abraçando amorosamente aquele novo presente que o Eterno lhe faz por meio do Purgatório, para poder chegar a possuí-lo eternamente, feita una com Cristo, e Este crucificado, que, pelo triunfo glorioso da sua ressurreição, nos introduziu nos umbrais da Eternidade.

Pelo que o Purgatório é uma nova doação de Deus derramando-se em misericórdia, cheia de compaixão, amor e ternura; para que a criatura possa purificar quanto no seu peregrinar, por falta de amor e correspondência, arrastada pela suas próprias paixões, cheias de torceduras, desfiguram-na tanto, que a impossibilitam para o seu encontro definitivo com Deus.

Sendo o Purgatório como o «lugar do desamor» onde estão os que, por não terem procurado realizar a vontade de Deus, torceram seus caminhos e, ainda que sem descarrilar-se totalmente, não responderam em retorno amoroso às doações infinitas de quem, «amando os seus, amou-os até o fim»⁵.

Não sei como este grupo, que se parava de repente diante do Abismo, procurar-se-ia as suas asas para atravessá-lo...; já que, sem asas de águia real, não se pode cruzar o Abismo insondável que separa esta vida do dia luminoso da Luz.

E o terceiro grupo, que caminha ao longo do desterro sem sujar-se no lodaçal do pecado, que o passa como em vôo, com o seu olhar posto

⁵ Jo 13, 1.

em Deus, com o seu coração possuído pelo Infinito, com a sua mente iluminada pela Eterna Sabedoria e com a sua alma possuída pelos dons e frutos do Espírito Santo; numa palavra: com uma mirada sobrenatural que envolve e penetra todos os caminhos da sua ascensão para o encontro do Pai e que os faz viver uma vida de fé que espera incansável, impelida pelo amor, a promessa dos filhos de Deus; estes são os que passam triunfalmente o Abismo insuperável da perdição.

Terrivelmente impressionante é a vista dos que caíam no Abismo...! Mas não menos impressionante a daqueles que, chegando às fronteiras da Eternidade, no termo da vida, atrás do Abismo, vislumbram uma luz cintilante que, com o ímã das suas candentes chamas, atrai para si irresistivelmente os homens que, com olhos penetrantes de sabedoria divina, descobrem a luz do Dia eterno do Amor...

Que alegria ver aquele cortejo glorioso dos «que vêm da grande tribulação», vivendo como em vôo pelo desterro sem manchar-se nem arrastar-se pelo lodaçal da vida, e estendendo as suas grandes asas, quase sem percebê-lo, remontam seu vôo e passam ensenhoreando-se através e por cima do Abismo; e no final são introduzidos por Cristo naquela Luz candente e infinita de gozo, de felicidade, de bem-aventurança e de posse eterna...!

Abriam-se os Portões da Eternidade para a águia real que vem do desterro a introduzir-se na câmara nupcial do Esposo...! Abriam-se os

portões que a introduziram para sempre, para sempre!, no gozo infinito que possuem por participação os Bem-aventurados...!

Que contraste...! Também, diante dos que caem no Abismo, apercebe-se um «para sempre» sem termo, insondável, terrorizante; um «para sempre» conhecido só pelos que, arrastados à profundidade dos seus seios, encontram-se, como de surpresa, naquela fossa interminável de terror...

Dois «para sempre» distintos, aos quais nos conduz um mesmo caminho: o caminho da Eternidade. Porque, quando Deus criou-nos para Ele e pôs-nos no desterro, fez-nos todos caminhar numa mesma peregrinação pela vereda que nos conduz à sua posse. Mas o pecado fez uma vala e abriu um Abismo entre a criatura e o Criador, entre o Céu e a terra, entre Deus e os homens; um Abismo de maldade, que só com asas de águia e olhos candentes de ardorosa sabedoria pode cruzar-se...

Eu quero asas de águia para mim e para todos os meus; coração de Igreja com asas de Espírito Santo para todos os homens da terra...! Eu quero asas de águia real que me levem às Mansões da felicidade eterna; e busco caminhar através do meu desterro com minhas asas estendidas para atravessar airoso as fronteiras da Eternidade e livrar-me do Abismo que o pecado abriu entre Deus e os homens...!

Consumo-me em ânsias de clamar com Cristo e junto a Ele a todos os homens: «Vinde a mim». Eu necessito, porque sou Igreja e peregrina entre meus irmãos com os quais caminho com uma mesma velocidade por um mesmo caminho, descobrir-lhes e mostrar-lhes essa Luz candente de vida e de felicidade. E por isso clamo com angústias de morte em cantares, que diante da tragédia do meu espírito converteram-se em alaridos, para mostrar aos homens o modo seguro de viver no nosso peregrinar para o Reino da Luz e do Amor.

Minha alma está profundamente impressionada por esta verdade dogmática, sempre antiga e sempre nova, da vida, da morte, do Céu e do inferno... Mas a impressão dos que caíam no Abismo me é tão dura, que quase não me deixa gozar com os que cruzavam as fronteiras gloriosas e suntuosas da Eternidade.

Caíam...! Caíam...! Caíam no Abismo...! Eu os vi cair!! E caíam para sempre com a velocidade de um raio em dias de tormenta, com a rapidez de um furacão em noites de vento, com a arrepiante sensação da morte, perdendo-se na profundidade insondável do «vulcão aberto»...!

Ouçõ gargalhadas na lonjura..., mofas..., bur-las..., desprezos..., incompreensões, calúnias e martírios para a *alma-Igreja* que, com asas de águia, passa através do desterro o seu vertiginoso caminhar...

Que impressionante, que grandiosa e terrível a visão da multidão dos homens de todos

os tempos, correndo pelo caminho da vida em carreira vertiginosa...!

E que contraste no final do desterro...! Que distinto termo!, que distinto fim!, conseqüências de um distinto caminhar pelo país da vida...

«... Assim acontecerá no fim dos tempos: o Filho do Homem enviará seus Anjos e eles retirarão do seu Reino toda causa de pecado e os que praticam o mal; depois serão jogados na fomalha de fogo. Ali haverá choro e ranger de dentes. Então os justos brilharão como o sol no Reino de seu Pai. Quem tem ouvidos, ouça»⁶.

Que terrível insensatez a das mentes ofuscadas, indo por um caminho tão curto, tão rápido e tão incerto, numa despreocupação tão absurda e tão equivocada...!

Todo aquele que corre vai buscando o amor, a felicidade, a paz, o gozo, a posse. Mas nem todos o vão buscando segundo a vontade de Deus e, por isso, muitos encontram-se arrastados, num abrir e fechar dos olhos, no Abismo insondável da perdição.

Alma querida, provê-te de asas de águia, alarga as cavernas do teu coração, caminha pelo caminho do amor, da fé, da esperança, abre os teus olhos para a verdade, para que sejas capaz de estender as tuas asas e introduzir-te na felicidade ditosa do gozo de Deus!

⁶ Mt 13, 40-43.

24-2-1974

QUEM IMPEDIRÁ MEU PASSO...?

Quem impedirá meu passo
quando empreendo um rápido vôo,
quando remonto a altura
com urgentes adejos?

Que força, de quanto existe,
interromperá meu ascenso,
impulsado pelas vozes
infinitas do Eterno?

A terra se me faz estreita,
pequenino o universo;
lagos parecem os mares
na ascensão do meu ascenso...!

Carreira vertiginosa
empreende meu ascendimento
com o ímpeto do raio,
abrasando quanto encontro.

Nada importam meus caminhos,
nem o perigo que atravesso;
furacões são meus passos
para conseguir meu intento!

Tudo fica longínquo,
só é um fato a lembrança;
e minhas asas estendidas
traspassam o firmamento.

Silêncio sinto em minha fundura,
de profundo recolhimento,
vazio de coisas,
perda de sentimentos,

transcendência do humano,
contato com o Mistério...
Ai, o que sente minha alma
quando remonta seu vôo...!

Quem cortaria meu andar,
se não sentisse, no solo,
a voz de Jesus carregado de penas
em sacrário prisioneiro?;

se minha experiência de Igreja,
pela missão que em mim encerro,
não me chamasse em clamores
a caminhar no solo?

Vivo a Vida e a morte,
sou peregrina no Céu,
com asfixias infernais
que intentam cortar meu ascenso.

Mas não há força que impeça
o ímpeto do meu anelo,
quando sinto em seu passar
o perfume do Imenso!

Uma voz clama na terra
capaz de cortar-me de repente:
a voz de Jesus silente:
Acompanha-me em meus dós!

Quem cortaria meu passo,
se o queixume de quem anelo
não morasse entre nós
nas noites do seu encerro
no sacrário escondido
em sacrossanto mistério?

Luta é minha vida em meu caminhar
pela Pátria e pelo solo;
chama-me o Céu e a terra,
por isso luta é meu vôo.

Mistério de Vida e morte,
mistério de terra e Céu...!

NOTA:

Peço veementemente que tudo o que é expresso através dos meus escritos, por crê-lo vontade de Deus e por fidelidade a quanto o mesmo Deus me confiou, quando na tradução para outras línguas não se entenda bem ou se deseje esclarecimento, recorra-se à autenticidade de quanto ditado por mim no texto espanhol; já que pude comprovar que algumas expressões nas traduções não são as mais aptas para exprimir o meu pensamento.

A autora:

Trinidad de la Santa Madre Iglesia
Sánchez Moreno

Coleção
Luz na noite
O mistério da fé

Nº 13



Ediciones La Obra de la Iglesia